

Katiana Oliveira dos Santos
Carlos David Veiga França
Henrique Borralho

**UMA ABORDAGEM
ETNOTERMINOLÓGICA
E GEOLINGUÍSTICA
NOS CONTOS AFRO-BRASILEIROS**

comunidade quilombola de Santa Maria
dos Pretos em Itapecuru Mirim-MA



Katiana Oliveira dos Santos
Carlos David Veiga França
Henrique Borralho

UMA ABORDAGEM ETNOTERMINOLÓGICA
E GEOLINGUÍSTICA NOS CONTOS AFRO-
BRASILEIROS

comunidade quilombola de Santa Maria dos Pretos em
Itapecuru Mirim-MA

EDITORA PASCAL

2024

Editor Chefe: Prof. Dr. Patrício Moreira de Araújo Filho

Edição e Diagramação: Eduardo Mendonça Pinheiro

Edição de Arte: Marcos Clyver dos Santos Oliveira

Bibliotecária: Rayssa Cristhália Viana da Silva – CRB-13/904

Revisão: Autores

Conselho Editorial

Dr. Claudio Alves Benassi

Dr. Othon Carvalho Bastos Filho

Dr. Gabriel Nava Lima

Dr. Raimundo Luna Neres

Dr. José Ribamar Neres Costa

Dr. Diogo Guagliardo Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237u

Santos, Katiana Oliveira dos; França, Carlos David Veiga; Borralho, Henrique.

Uma abordagem etnoterminológica e geolinguística nos contos afro- brasileiros: comunidade quilombola de Santa Maria dos Pretos em Itapecuru Mirim-MA / Katiana Oliveira dos Santos, Carlos David Veiga França e Henrique Borralho — São Luís: Editora Pascal, 2024.

80 f. : il.:

Formato: PDF

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-6068-068-5

D.O.I.: 10.29327/5409598

1. Contos Afro-brasileiros. 2. Etnoterminológica. 3. Geolinguística. 4. Quilombo. I. Santos, Katiana Oliveira dos. II. França, Carlos David Veiga. III. Borralho, Henrique. IV. Título.

CDU: 39:398.8+81:39

Qualquer parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, desde que seja citado o autor.

2024

www.editorapascal.com.br

APRESENTAÇÃO

Esta obra surgiu de uma pesquisa do programa de pós-graduação stricto sensu em letras da Universidade Estadual do Maranhão, sobre um território quilombola, que contempla cinco povoados, Santa Maria dos Pretos, Piqui, Santa Joana, Morros e Mandioca, localizados na zona rural do município de Itapecuru Mirim, estado do Maranhão, cidade esta, que de acordo com o último censo demográfico de 2022, executado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), tem uma população de 60.444 residentes.

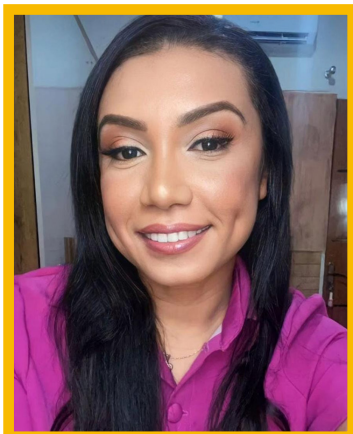
Ainda de acordo com o IBGE (2022), dos dez municípios com maior proporção de população quilombola do país, a cidade de Itapecuru Mirim ocupa o 6º lugar no ranking nacional e 2º lugar no Maranhão, com uma população residentes de 14.488 quilombolas.

Segundo a Secretaria Municipal (Itapecuru Mirim/ MA) de Políticas de Promoção da Igualdade Racial-SEMPOPIR (2024), o município possui 80 comunidades quilombolas, destas, 10 possuem a titulação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e 70 são certificadas pela Fundação Palmares.

Diante desta representatividade nacional e local, instigou-se o interesse desta pesquisa, compreender de que forma as narrativas orais destas comunidades contribuem para a aquisição identitária e sua relação direta com a arqueologia da diáspora africana, no sentido de enaltecer o sujeito quilombola, mas também de investigar em que contexto, o discurso etnoliterário presente nas narrativas orais, consegue preservar às práticas sociais, históricas e culturais de um povo. Sendo relevante para estudiosos de linguística, antropologia, história, geolinguística, geografia, sociolinguística, literatura, políticas públicas e outros bem como para aqueles interessados na cultura afro-brasileira e na preservação do patrimônio imaterial e material. Através da análise dos contos do território de Santa Maria dos Pretos, o livro oferece um olhar profundo sobre a interseção entre linguagem, cultura e identidade nessas comunidades contribuindo significativamente para a valorização e entendimento das tradições afro-brasileiras.

Uma abordagem etnoterminológica da geolinguística quilombola trata do estudo das línguas e dos termos específicos usados nas comunidades quilombolas, levando em consideração os aspectos culturais e históricos específicos dessas comunidades, estudando a distribuição geográfica das línguas e dialetos, bem como as variações linguísticas presentes neste território.

AUTORES



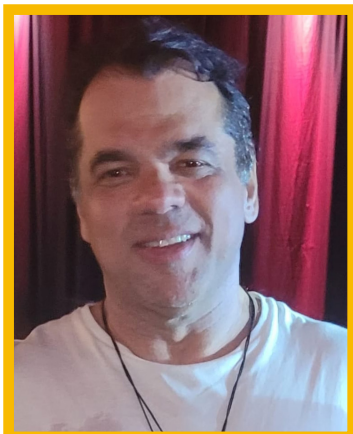
Katiana Oliveira dos Santos

É Professora de Letras e Pedagogia, graduada pela Universidade Estadual do Maranhão, Mestra em Teoria Literária-UEMA, possui Pós-Graduação *Latu Sensu* em Metodologia do ensino de língua portuguesa, (Instituto de Ensino Superior Franciscano- IESF). Metodologia da Língua Espanhola e Língua Inglesa, pela Faculdade (FAVENI), Educação Inclusiva com Foco em Libras, (Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista, FAIP, Marília, Brasil) e Literatura e Ensino (UEMA). Técnica em Informática pela Universidade Estadual do Maranhão (2016). Atua como professora substituta do curso de Letras do Campus UEMA em Itapecuru Mirim, Coordenadora do

PROETNOS, Programa de Formação Docente para a Diversidade Étnica, no Campus UEMA em Itapecuru. Atuou em obras como: PÚCARO LITERÁRIO, protagonismo feminino., ed.1º, 2021 e O IGUARAENSE 175 anos de Vargem Grande, ed.1. Vargem Grande: Avla, 2020.

Carlos David Veiga França

Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós- Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço da Universidade Estadual do Maranhão (PPGeo/UEMA). Mestre em Engenharia de Barragem e Gestão Ambiental PEBGA ofertado pela Universidade Federal do Estado do Pará (UFPA). Bacharel em Segurança Pública e do Trabalho (UEMA). Arquiteto Urbanista (UEMA). Engenheiro de Segurança do Trabalho (UEMA). Engenheiro de Segurança, Proteção e Prevenção Contra Incêndio e Pânico - Centro Goiano de Ensino (CGESP), Pós Graduado em Patologia das Construções - Diagnósticos e Tratamentos - Instituto de Pós Graduação e Graduação (IPOG), além de graduando em Engenharia Civil da Faculdade Estácio.



Henrique Borralho

Possui graduação em História pela Universidade Federal do Maranhão (1997), mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000) e doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2009), Fez pós-doutoramento em Teoria Literária, UFRJ (2015). Professor permanente do programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Professor Associado da Universidade Estadual do Maranhão e Coordenador programa pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Maranhão. Tem experiência na área de História, Literatura, literatura e história, literaturas africanas de língua portuguesa

oficial, literatura maranhense, literatura, filosofia, teoria e literatura. Autor de obras como: Uma Athenas Equinocial: A literatura e a fundação de um Maranhão no Império brasileiro (2010), Terra e Céu de Nostalgia: tradição e identidade em São Luís - Ma (2011); Versura ; Poemas, Contos e Crônicas (2014); Versura : Ensaios (2017).

RESUMO

Esta pesquisa analisa a unidade padrão do discurso desta comunidade, no sentido etnoterminológico e geolinguístico de alguns vocábulos-termo do território quilombola de Santa Maria dos Pretos. As narrativas que são analisadas trazem oralmente seus remanescentes e que são repassados de geração para geração, trazendo reflexões acerca da história dos quilombolas e deste território que é formado por cinco povoados, Santa Maria dos Pretos, Piqui, Santa Joana, Morros e Mandioca, localizados na zona rural de Itapecuru Mirim, Maranhão. Partindo do pressuposto que essas narrativas orais são uma forma de expressão bem presente no cotidiano dos moradores, uma prática de manifestação literária necessária no processo de autoafirmação identitária, colocando em ênfase a memória que acaba contribuindo com uma história de luta que não findou, e que ainda precisa ser erradicado no meio social, tais como, o preconceito racial, discriminação, falta de apropriação legalizada de terras. Inclusive, o principal motivo de conflitos entre remanescentes de quilombo por suas terras quilombolas, são em detrimento de regularização e garantia de seus direitos expressos na Constituição Federal (1988). Nesta pesquisa será possível verificar as especificidades presentes nas narrativas orais, inerentes desta comunidade, relacionando-as com os fatores semântico-conceptuais e a historicidade dos povos tradicionais remanescentes. Tendo também como objetivo o de verificar, através da coleta e análise dos contos, como os moradores do Território de Santa Maria dos Pretos se reconhecem atualmente dentro de um contexto social tão desafiador. A pesquisa é de caráter descritiva, empírica, qualitativa e participativa, bibliográfica e etnográfica. Nesse sentido, contará com um corpus oral composto por 15 moradores da comunidade, relatando 05 contos por meio de entrevista oral em visitas periódicas à comunidade em estudo e, então, será reescrita no texto e analisada algumas expressões dentro no contexto do conto.

PALAVRAS-CHAVE: Conto. Quilombola. Resistência. Etnoterminologia.

ABSTRACT

This research analyzes the standard unit of discourse of this community, in the ethno-terminological and geolinguistics sense, regarding some term words from the quilombola territory of Santa Maria dos Pretos. The narratives that are analyzed bring their remains orally and are passed on from generation to generation, bringing reflections on the history of the quilombolas and this territory that is formed by five villages, Santa Maria dos Pretos, Piqui, Santa Joana, Morros and Mandioca, located in the rural area of Itapecuru Mirim, Maranhão. It starts from the assumption that these oral narratives are a form of expression that is very present in the daily lives of residents, a practice of literary expression necessary in the process of self-affirmation of identity, emphasizing the memory that ends up contributing to a history of struggle that has not ended, and that still needs to be eradicated in the social environment, such as racial prejudice, discrimination, lack of legalized land appropriation. Even the main reason for conflicts between quilombo remnants and their quilombola lands are ethnic-racial territories, and their regularization and guarantee are rights expressed in the Federal Constitution (1988). In this research it will be possible to verify through the specificities present in the oral narratives, inherent in this community, relating them with the semantic- conceptual factors and the historicity of the remaining traditional peoples. Also having the objective of verifying, through the collection and analysis of the stories, how the residents of the Território de Santa Maria dos Pretos currently recognize themselves within such a challenging social context. The research is descriptive, empirical, qualitative, and participatory, bibliographic, and ethnographic, the researcher. In this sense, it will have an oral corpus composed of fifteen residents of the community, reporting 05 stories through oral interviews, in periodic visits to the study community, and then it will be rewritten in the text and analyzed the expressions and context of the story.

KEYWORDS: Tale. Quilombola. Resistance. Ethnoterminology.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
AUTORES	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	9
ESTRUTURA E TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA	12
<i>Contextualização e Justificativa</i>	<i>13</i>
<i>Hipóteses e problematização</i>	<i>14</i>
<i>Objetivos</i>	<i>15</i>
<i>Metodologia</i>	<i>16</i>
<i>Delimitação do corpus: a pesquisa de campo</i>	<i>17</i>
<i>Construção do texto</i>	<i>19</i>
NARRATIVAS ORAIS: um fenômeno histórico, social e cultural	20
<i>Contos</i>	<i>21</i>
<i>O conto como atributo de resistência e resgate cultural</i>	<i>24</i>
“COMUNIDADES QUILOMBOLAS”: uma visão histórico-social e descolonialista	29
<i>Trajetória histórica da população negra no Brasil e a formação dos Quilombos</i>	<i>31</i>
<i>Memória, Identidade e Resistência nos batuques festivos</i>	<i>37</i>
<i>Quilombo Santa Maria dos Pretos, sua história e sua resistência</i>	<i>41</i>
ETNOTERMINOLOGIA	45
<i>Vocabulo-termo</i>	<i>47</i>
<i>Etnolinguística das Línguas afro-brasileiras</i>	<i>48</i>
APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS CONTOS	53
ENTREVISTADO 01 - PERGUNTAS E RESPOSTAS	54
ENTREVISTADO 02 - PERGUNTAS E RESPOSTAS	55
ENTREVISTADO 03 - PERGUNTAS E RESPOSTAS	56
ENTREVISTADO 04 - PERGUNTAS E RESPOSTAS	57
ENTREVISTADO 05 - PERGUNTAS E RESPOSTAS	59
<i>Relações léxico-semânticas</i>	<i>60</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICES	79

INTRODUÇÃO



 impulso em pesquisas que abordem as comunidades remanescentes de quilombos tem se tornado uma necessidade na aplicação de políticas afirmativas para a população negra deste país, ao passo que esse processo de ressignificação dos quilombos está inserido no âmbito social, político, cultural e linguístico de um país.

Propõe-se, por meio deste estudo, fazer uma análise das unidades padrão do discurso desta comunidade no sentido etnoterminológico: o vocábulo-termo. Tal domínio evidencia e denota a historicidade, cultura e linguística, fazendo uma analogia contrastiva através da aplicação da literatura afro, mediante a inserção de contos africanos em rodas de conversas entre os moradores daquela região, sendo realizada de forma oral ou reescrita, com o intuito de, a partir desses contos, se autorreconhecerem em suas próprias histórias.

Assim sendo, a pesquisa contextualiza a vivência de uma comunidade quilombola do município de Itapecuru Mirim, mas, também evidencia a representatividade desta para a nação brasileira, que será retratado através das narrativas orais.

Essas vivências, que outrora fizeram parte do cotidiano destes moradores, estão fazendo parte da memória desta comunidade, sejam individuais ou coletivas, e que se constituem como uma forma de ressignificar a vida destes moradores. E não abordar este estudo é renegar a história de um povo que lutou e fez parte da constituição deste país.

A divisão das seções deste trabalho seguirá a seguinte estrutura: na seção 1, Introdução, segue um breve resumo sobre o objetivo de pesquisa, a problemática, hipóteses e justificativa de escolha de tema, na seção 2, Estrutura e trajetória metodológica da pesquisa, com a metodologia, a delimitação do corpus e a construção do texto, de modo a evidenciar os procedimentos utilizados e como ocorreu a coleta de dados, com um cronograma de visitas e participação da comunidade.

Na seção 3 será analisado o papel e a influência das narrativas orais e a relevância dos contos na sociedade, na cultura e sua relação na ressignificação do presente, com um discurso presente nas falas, nos gestos, que são desencadeadores de sentimentos, pluralidade e resistência. Após essa explanação, será evidenciada as características enunciativas dos contos orais com as teorias vigentes, com exemplos de alguns teóricos, pode-se citar Barthes (2008), Halbwachs (1990), Heller (1993), Montenegro (2001), Todorov (2006).

Na seção 4, “Comunidades quilombolas”: uma visão histórico-social e descolonialista, relacionará a trajetória histórica da população negra no Brasil e a formação dos quilombos, com a chegada de membros dessas comunidades advindos do continente africano em condições desumanas, tendo um início de um processo de resistência e sobrevivência, até a “libertação dos escravos” e formação dos primeiros quilombos e sua luta até a contemporaneidade sobre titulação de terras. Aqui vale ressaltar sobre as especificidades da cultura e identidade Quilombola, e a importância da preservação destas, como processo de rememoração e engajamento com sua própria história.

Depois, tem-se uma abordagem sobre a memória e a resistência nos batuques festivos, com descrição sobre a ancestralidade presente nas danças, conceituando sobre o tambor de crioula, o coco, o tambor de mina e outras danças. Ainda nesta seção abordarei a história, origem e vivência da comunidade Santa Maria dos Pretos.

Na seção 5, será tratado acerca da Etnoterminologia, dentro da etimologia. Este estudo visa analisar os vocábulos termos e as Concepções teóricas-metodológicas da Etnolinguística das Línguas afro-brasileiras.

Na seção 6, será analisado os contos da comunidade quilombola Santa Maria dos Pretos, que foram coletados através de entrevistas orais e aqui serão transcritos tais como foram citados pelos entrevistados e a partir disto estabelecer as relações léxico-semânticas e conceptuais dos contos.

A transcrição das informações obtidas, assim como as narrativas orais, será reproduzida com todas as características linguísticas da fala dos entrevistados, sendo fiel as marcas semântico-lexicais. Nas considerações finais será contextualizado o objetivo inicial desta pesquisa, com os dados teóricos e práticos alcançados nos últimos anos, pois estes dados coletados e a relação da pesquisadora com o campo de pesquisa que ocorre desde o ano de 2015.

ESTRUTURA E TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA



Contextualização e Justificativa

A presente pesquisa também pretende identificar e demonstrar na prática como a comunidade quilombola de Santa Maria dos Pretos, localizada no município de Itapecuru-Mirim, estado do Maranhão, nordeste deste país, tem se adaptado e sofrido com as mudanças referentes ao processo de aculturação linguística, cultural, literário, léxico e de que forma os vocábulos-termos podem ser impactados de um jeito social e identitário através dos contos, e os resultados disto na vida dos moradores daquela comunidade.

A escolha deste quilombo deu-se primeiramente devido a localização geográfica, a proximidade com a zona urbana do município e que pode ter dados que expliquem o motivo pelo qual jovens e adultos se desvinculam de suas comunidades, e agregam valores que são contrários aos vivenciados por eles nos territórios quilombolas.

No que tange ao processo da língua e de novos termos utilizados na comunidade desta pesquisa e após esta incorporação ganharam um fenômeno de aculturação linguística, ou seja, alguns vocábulos-termos obtiveram uma nova ressignificação, levando em consideração os diversos contextos envolvendo nesta comunidade, com valores semânticos diversificados.

Em uma pesquisa desta natureza, alguns pontos devem ser detalhados para a compreensão e tradução exata de determinados termos, tais como, análise dos semas conceptuais, significado em português ou línguas equivalentes, similaridade entre estas, de acordo com o dicionário local da língua portuguesa e todas as possíveis variações linguísticas. A comunidade quilombola que subsidiará esta pesquisa faz parte do município de Itapecuru-Mirim, estado do Maranhão, região nordeste deste país. Segundo Silva (2016 *apud* BARROS; UMBELINO, 2018, p. 2),

A formação do quilombo, às margens do Rio Itapecuru, começou na década de 1830, 50 anos antes da abolição formal da escravatura, quando a fazendeira Maria Rita Gomes Belfort transferiu, em testamento, parte de suas terras e equipamentos aos escravizados e seus descendentes, Ponciano de Souza Gomes, Julião e outros 81 negros. Nesse sentido, o relato abordado pelas autoras contribui para que se tenha uma dimensão de como teve início a formação dos quilombos no município de Itapecuru Mirim.

No entanto, esse relato de doação de terra refere-se à comunidade quilombola conhecida como Santa Rosa dos Pretos, também popular como Santa Rosa do Barão localizada às margens da BR 222. Segundo Lucchesi (2016), todos na região conhecem a história segundo a qual as terras de Santa Rosa foram deixadas por um barão aos seus pretos, para estes criarem filhos e netos, não podendo nunca ser vendidas, doadas ou dadas a pagamento. Santa Maria dos pretos será a comunidade de análise desta pesquisa, por grau de proximidade geográfica com a zona urbana, e talvez esta situação explique e identifique as variantes linguísticas presentes na fala dos moradores deste quilombo, de tal forma, que os termos que possam revelar sua origem linguística. Segundo Barros e Umbelino (2018, p. 2):

O território quilombola Santa Maria dos Pretos, encontra-se no município de Itapecuru-mirim, situado a 108 km da capital do Estado Maranhão, localizado na região nordeste do Brasil. Fazem parte desse território as comunidades de Santa Joana, Morros, Piqui, Mandioca e Santa Maria dos Pretos.



Esta é uma comunidade quilombola onde foi observado a partir de visitas que ocorreram de forma periódica, uma realidade que necessitava ser registrada, tanto por sua relevância cultural como também linguística. Embora ela possua algumas problemáticas sociais que tem levado ao êxodo rural, por exemplo, os jovens ao concluírem o ensino médio, ou muitos destes nem chegam a tal situação. Muitas garotas deixam suas famílias para residirem nas casas de parentes, no intuito de trabalhar como domésticas nos centros urbanos, uma realidade ainda bem comum no ano de 2022, visto que as oportunidades de ascensão não são uma realidade visível para muitos. E um dos fatos que chama a atenção é como se, por serem descendentes de comunidades quilombolas, não significasse a possibilidade de um futuro promissor.

Hipóteses e problematização

A globalização deixa claro que estamos em constante estado de transformações de comportamentos, valores morais, visto que muitos costumes e tradições estão sendo esquecidos pela sociedade, pois as pessoas não cultivam ou não possuem interesse em preservar laços que une a cultura da sociedade local a sua própria identidade, refletida em laços históricos de abandono das tradições de um determinado povo. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos (LARAIA, 2001).

Uma hipótese para erradicar preconceitos e valorizar a diversidade reside na sensibilização da humanidade, para que esta compreenda as diferenças entre povos de culturas, é importante também saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema, este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir (LARAIA, 2001).

A identidade é conceituada como a formação e a identificação da personalidade de um indivíduo. A família é considerada a primeira base para essa formação, seguida da escola, igreja, sociedade e cultura. Segundo Baptista (2009, p. 24),

O estudo relativo aos modos de construção política e social das 'identidades', abordando as questões da nação, raça, etnicidade, diáspora, colonialismo e pós- - colonialismo, sexo e gênero etc. têm sido das temáticas mais investigadas nos últimos anos, dando origem a uma importante massa de resultados de grande qualidade e importância fora e dentro das academias [...].

A identidade cultural é como o indivíduo vai se posicionar diante da sociedade, suas escolhas profissionais, artísticas e religiosas determinará a preservação ou a mudança de hábitos e costumes estabelecidos pela cultura de um grupo. No mundo atual, a identidade e o "pertencimento" não têm a solidez de uma rocha, não são garantidas para a vida inteira, sendo negociáveis e revogáveis (BAUMAN, 2005, p. 17).

A diversidade cultural retrata a multiplicidade de diferentes culturas, formando um conjunto de valores, hábitos e costumes a serem conhecidos e discutidos entre as várias camadas da sociedade. Nesse sentido, vale ressaltar que os moradores de comunidades quilombolas devem ser assistidos, de tal forma que não se perca os valores primordiais, necessários a ressignificação de sua historicidade.

Outra problemática envolvendo tal questionamento, é o fato de quando nos deparamos com as transformações globais, é perceptível observar que a identidade e diversidade cultural sofrem os efeitos dessa mudança em determinados sentidos, que nos fazem re-

fletir e repensar em atitudes que venham a preservar essa multiplicidade, pois, em alguns casos, faz-se necessário esse resgate para que nossa função social com a relação da história e do uso de narrativas orais não venham a cair em desgaste e esquecimento.

Com a prática e disseminação de estudos na área da literatura afro-brasileira, fica bem dinâmico assimilar tal relevância não somente para a sociedade brasileira, mas, também este estudo se faz necessário dentro das comunidades quilombolas, ao passo que a realização desta pesquisa se mostra uma forma de valorizar a cultura desse povo.

A origem histórica das comunidades remanescentes de quilombos é bastante variada. Parte delas surgiram da aglutinação inicial de escravizados fugitivos de áreas de exploração agrícola e/ou de mineração (é o caso, por exemplo, das comunidades existentes no Alto Rio Trombetas em Oriximiná - PA) (JORGE; BRANDÃO, 2012).

Quando a escravidão foi abolida no ano de 1888, não houve ressarcimentos sobre os danos causados com os negros. Muitos continuaram trabalhando em condições desumanas, sem direitos trabalhistas e sem poder retornar ao país de onde foram bruscamente arrancados. Durante o processo de escravidão, eles perderam familiares, tiveram filhos retirados de seu convívio e foram vendidos como mercadoria.

Diante do contexto citado, vale ressaltar que houve vitórias, mas ainda existe um processo de resistência e falta de valorização que necessitam de uma atenção.

Objetivos

Propõe-se através deste estudo fazer uma análise da unidade padrão do discurso desta comunidade, no sentido etnoterminológico, sobre alguns vocábulos-termo. Segundo Barbosa (2000, p. 59):

[...] o conceptus é como um percurso que vai do sentido estruturável (ou amorfo) ao estruturado (ou formado) compreendendo três naturezas: o arquiconceptus ou conceptus strictu sensu, conjunto de noemas universais, comum a todas as culturas; o metaconceptus, noemas específicos de cada cultura e o metametaconceptus, traços semânticos conceptuais, intencionais, modalizadores e manipulatórios, no interior de uma mesma cultura, sobre um mesmo fato.

Será realizada a análise das terminologias linguísticas locais (etnoterminologia) nos contos de forma a especificar os vocábulos-terminos, significados do dicionário, contextualização, natureza dos semas, conceptuais formadores, conceptus, metaconceptus e metametaconceptus. Segundo Pais (1984), o metametaconceptus permite estabelecer com outros uma relação de oposição binária. Ou seja, alguns termos dependendo do contexto em que for utilizado possuem significados diferentes.

Este trabalho foi incitado também pela descendência da própria autora desta pesquisa que advém de comunidade quilombola, que desde criança escutava conversas informais dos anciões e assim manifestou o desejo de registrar essas narrativas orais. Em razão disso nasceu o desejo de registrar esses contos que trazem em sua linguagem especificidades próprias desta comunidade.

Narrativas essas que trazem embutidos ensinamentos sobre o que aconteceu com os seus antepassados, o que vivenciaram, as lutas, as vitórias, a tradição de um povo remanescente que tenta ser ouvido e respeitado.



A oralidade é algo muito presente nas comunidades quilombolas, pois, tendo em vista que outrora muitos não sabiam ler e escrever, a forma de obter informações e registrar momentos importantes era através dos contos. Segundo Heller (1993, p. 72),

Há certas histórias que narramos só por alguns dias ou semanas depois que aconteceram e logo as esquecemos. Quanto a outras, gostamos de inúmeras vezes vida afora. Por vezes uma história desconhecida nos aborrece, ao passo que, noutras prestaremos a máxima atenção ao ouvir a mesma história tantas vezes repetida.

Um discurso presente nestes contos que coloca em ênfase o patrimônio de uma fala em forma de conto, relatos de vida, militância, sofrimento, alegrias, realidade, fantasia e outros. Diante disto é necessário ter um olhar sensível para estas histórias, ou seja, compreender que estes contos são mais do que imaginários, eles contextualizam uma realidade já vivenciada por estes moradores.

Do material de pesquisa, foram selecionados 05 contos das narrativas gravadas, dentre os quais o próprio nome da comunidade está atrelado ao título de um destes. A escrita seguirá a transcrição de acordo com o que foi contado, sem retirar a essência do que foi narrado para a pesquisadora.

Os contos que constam nesta pesquisa e tratam de narrativas que abordam histórias que, de acordo com os contadores, são verídicas, embora aparentemente estes tenham e apresentem cunho de fantasia, a questão em análise será alguns termos destes contos, somado a isto a contextualização cultural deles para a historicidade desta comunidade.

Metodologia

Diante do contexto social da pesquisa, com um universo heterogêneo por sua diversidade histórica, cultural, geográfica e étnica, foi necessário um trabalho de pesquisa de natureza qualitativa, descritiva, empírica e etnográfica. Portanto, a análise de dados desta pesquisa concerne na coleta de contos, os quais desvelam particularidades linguísticas em sua escrita, da qual serão contextualizadas com a etnicidade desta comunidade quilombola e com outros fatores externos que contribuíram para estas particularidades conceituais.

Destaca-se a relevância destes contos para o compartilhamento das tradições histórico-culturais, ressignificando a essência desta linguagem peculiar e pragmática da comunidade Quilombola Santa Maria dos Pretos.

Os recortes das narrativas orais que serão analisados contêm em seu discurso unidades lexicais muito específicas dos discursos étnico-literários da linguística afro-brasileira e de nossa cultura, que enfatizam a simbologia de resistência da cultura negra. São unidades lexicais particulares de um universo com normas semântica e sintática.

Tomou-se como referencial teórico, inicialmente, pesquisas realizadas em artigos, dissertações, teses e livros que abordassem a historicidade das comunidades quilombolas deste país, desde a vinda dos escravizados para o Brasil até o processo de formação dos quilombos.

Portanto, contribuíram para esta pesquisa bibliográfica inicial autores como Abreu (2003), Barros (2018), Barthes (2009), Bosi (2003), Candau (2011), Gonçalves (2017), Gomes (2019), Latorre (2011), Leroy (1997), Hall (1998) e outros referenciais que subsidiaram este trabalho. Quando estes abordam sobre a identidade, a cultura, a origem e o processo

de ressignificação através da resistência estão colaborando com a escrita deste trabalho. A relevante participação dos moradores das comunidades quilombolas de Itapecuru Mirim se reflete tanto de forma direta quanto indireta na construção desse material.

Diretamente, os moradores fornecem informações, relatos pessoais e experiências vivenciadas que enriquecem as narrativas orais, trazendo nuances e detalhes que apenas aqueles que fazem parte da comunidade podem oferecer. Suas vozes são fundamentais para a preservação e transmissão da cultura, da história e da religiosidade quilombola.

Além disso, a contribuição indireta dos moradores é igualmente significativa. Suas vivências cotidianas, tradições familiares e práticas culturais influenciam as narrativas orais, moldando a forma como são contadas e transmitidas de uma geração para outra. O ambiente social e cultural em que estão imersos também influencia as histórias compartilhadas, refletindo a complexidade e a diversidade das comunidades quilombolas.

Portanto, a participação ativa dos moradores, tanto diretamente quanto indiretamente, é fundamental para a construção e preservação dessas narrativas orais, garantindo que a riqueza da cultura e da história das comunidades quilombolas de Itapecuru Mirim seja transmitida e valorizada ao longo do tempo.

Delimitação do *corpus*: a pesquisa de campo.

A pesquisa ocorreu na comunidade quilombola rural Santa Maria dos Pretos, localizada no território de Santa Maria, conforme Figura 1, cujo território engloba outras cinco comunidades (Piqui, Mandioca, Santa Joana, Santa Maria dos Pretos e Morros), e fica localizada a 45 quilômetros do município de Itapecuru Mirim - MA.



Figura 1. Comunidade Santa Maria dos Pretos

Fonte: Oliveira (2021)

A escolha deste quilombo foi, dentre alguns motivos, por se tratar de uma comunidade que historicamente ficou conhecida por ser uma região de resistência e de preservação e manutenção da ancestralidade deste povo.

Em uma das visitas nesta comunidade sobre a pesquisa pude constatar que ela possui inúmeros contos, com peculiaridades na oralidade e que remete a uma escrita e análise linguística sobre essas especificidades semânticas, dentre estes e outros que foram determinantes para que se pudesse registrar de forma mais analítica e conceitual, verificando os elementos contextuais desses termos, com a historicidade da comunidade.

Nessa assertiva, será analisada a relação do conto de forma a abranger a pragmática e a semântica que envolve a narrativa por completo. A comunidade quilombola Santa Maria dos Pretos é reconhecida por “RESISTIR”. Essa resistência está visível nas relações com o território e no como esse grupo transmite saberes de geração para geração, no âmbito social e político, mesmo que contextualizando com outras culturas e outros saberes, tentando preservar costumes e tradições. De acordo com Gomes (2017, p. 140):

É importante compreender que as fronteiras entre os diversos movimentos sociais e ações emancipatórias não precisam ser necessariamente barreiras ou zonas de conflito. Elas podem ser pontos de contato, livre trânsito entre os diferentes movimentos sociais, com capacidade interna e externa de mobilização, vigilância epistemológica e resistência democrática.

Por exemplo, o serviço das parteiras. A maioria dos moradores do povoado nasceu com a ajuda de uma parteira e é algo que ainda existe, mesmo que o parto não ocorra na comunidade, mas estas estão sempre disponíveis para ajudar no processo de forma humanizada, utilizando-se de recursos naturais da localidade, tais como chás de cidreira ou jasmim, que são empregados para acalmar as gestantes.

Em alguns contos essa realidade vivenciada pelos moradores vai ser visível nas falas, nas narrativas, um processo de autorreconhecimento identitário presente nos vocábulos. Em diálogo com Gomes (2001, p. 10), acentua-se que:

Hoje, apesar dos tempos neoliberais e da situação de exclusão social que afligem a população negra e pobre desse país, a cultura hip-hop, as comunidades-terreiro, as irmandades, as congadas, a capoeira, os penteados afros, a estética negra, a arte, a luta dos movimentos sociais, as comunidades de bairro podem ser considerados como formas contemporâneas de resistência negra no Brasil, construídas num intenso processo de recriação e ressignificação de elementos culturais africanos na experiência da diáspora e, mais particularmente, na experiência brasileira.

Para a construção do *corpus* desta pesquisa, foram realizadas visitas à comunidade Quilombola Santa Maria dos Pretos, as quais ocorreram entre os meses de novembro de 2020 e maio de 2022, com uma periodicidade de uma visita por mês. Alguns fatores interferiram nessas visitas, tais como o acesso à comunidade que, de janeiro a maio, ficam praticamente intrafegáveis, devido ao período chuvoso, e no momento de pandemia cujo contato com os moradores ficou restrito, por questões de segurança sanitária, saúde da comunidade e para proteger os idosos e pessoas vulneráveis.

Com uma vasta pesquisa bibliográfica, foi possível primeiramente observar e conhecer a respeito da história de formação do Quilombo, com a ajuda do líder e alguns anciões que fizeram parte da construção do texto.

Reconhecer os costumes, as tradições e a cultura foi um dos passos iniciais, bem como a observação e apresentação dos moradores. Esta pesquisa teve a participação de todos os moradores de forma indireta. No entanto, foram entrevistadas 15 pessoas: 07 do sexo masculino e 08 do sexo feminino. Entre as faixas etárias de 25 a 80 anos de idade.

Dentre estes, 11 residem na comunidade, e quatro já estão morando em outros povoados quilombolas, mas são remanescentes da Santa Maria. Os entrevistados, quase a totalidade, não sabem ler e nem escrever, com exceção dos 05 que tem abaixo de 40 anos de idade. O fato de alguns não serem alfabetizados não interferiu na coleta de dados, pois o objeto da pesquisa foram as narrativas orais.

A entrevista necessitou de uma ficha, a qual foi preenchida pela própria pesquisadora deste trabalho (Apêndice A), com perguntas sobre informações, tais como, nomes, endereços, idade, sexo, e com perguntas sobre narrativas orais, dos quais 05 contos serão analisados nesta pesquisa.

A duração da entrevista ficou entre 60 e 120 minutos, com retorno aos entrevistados sempre que verificasse a necessidade de obter informações substanciais sobre o contexto da narrativa, ou outras informações que tenha ficado subtendida ou ocultas durante a narração do entrevistado. Segundo Pottier (1970 *apud* SANTOS, 2013, p. 4),

[...] apenas, destaca que os pesquisadores de campo que permanecem longos períodos nos locais pesquisados estão mais capacitados a fornecer informações substanciais sobre as particularidades linguísticas e culturais de um determinado grupo, uma vez que estão na presença de seu amplo universo semiótico.

Dentre os 05 contos que serão analisados, na sua contextualidade, 15 vocábulos- termos serão explorados nas suas particularidades linguísticas com a representatividade étnica e cultural.

As entrevistas foram gravadas com um aparelho celular, com a autorização dos informantes e estão salvas em mídias digitais. A transcrição das informações obtidas, assim como as narrativas orais, será reproduzida com todas as características linguísticas da fala dos entrevistados, sendo fiel as marcas semântico-lexicais.

Construção do texto

A construção do texto de análise foi embasada em um questionário com perguntas objetivas, subjetivas e o relato da narrativa oral.

A Ficha Etnoterminológica, conforme Quadro 1, foi embasada no modelo utilizado por Latorre (2011), com algumas alterações, visto se tratar de uma contextualização com teor mais semântico.

Quadro 1 - Ficha Etnoterminológica

Vocabulo-termo:		
Significado no Dicionário:		
Contextualizações:		
Natureza dos Semas Conceptuais Formadores	Conceptus	
	Metaconceptus	
	Metametaconceptus	
Definição do vocabulo-termo:		
Observações		

NARRATIVAS ORAIS: um fenômeno histórico, social e cultural

É através das narrativas orais que a memória e a resistência em continuidade se faz atuante e necessária. As narrativas orais são vistas como um fenômeno histórico, uma vez que tal instrumento de análise possui uma amplitude de conhecimentos acerca dos mais diversos lugares e espaços, e tem um caráter social e cultural que remete a grandiosidade cultural de uma população. Segundo Barthes (2008, p. 19)

Inumeráveis são as narrativas do mundo, a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomina, na pintura no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação.

Narrativas orais são narrações de fatos, de acontecimentos, onde aparecem diferentes personagens ficcionais ou que fizeram ou fazem parte do cotidiano do narrador, podendo conter histórias engraçadas, fatos dramáticos e de diferentes acepções, mas que pode trazer um sentimento de pertencimento e reconhecimento sobre o fato narrado. Todorov (*apud* BARBOSA, 2011, p. 34, grifo nosso):

Considera que a narrativa se constitui na tensão de duas forças. Uma é a mudança, o inexorável curso dos acontecimentos, a interminável narrativa da “vida” (a história), onde cada instante se apresenta pela primeira e última vez. É o caos que a segunda força tenta organizar; ela procura dar-lhe um sentido, introduzir uma ordem. Essa ordem se traduz pela repetição (ou pela semelhança) dos acontecimentos: **o momento presente não é original, mas repete ou anuncia instantes passados e futuros**. A narrativa nunca obedece a uma ou a outra força, mas se constitui na tensão das duas.

Assim, contar uma história faz parte do cotidiano e isso começa desde quando criança. Ao ouvir uma história, automaticamente o ouvinte é colocado em outra esfera de pensamento. A imaginação permite que ele crie e imagine todas as ações que está a escutar. O ato de contar não se dá apenas pela voz, mas pela performance, pelo modo como o contador permite que seus gestos também façam parte da história. Segundo Zumthor (2018, p. 11):

Era um ponto válido de informação, mas que em nada alcançava o essencial, isto é, o efeito exercido pela oralidade sobre o próprio sentido e o alcance social dos textos que nos são transmitidos pelos manuscritos. Era preciso então se concentrar na natureza, no sentido próprio e nos efeitos da voz humana, independentemente dos condicionamentos culturais particulares... para voltar em seguida a eles e re- historicizar, re-espacializar, se assim posso dizer, as modalidades diversas de sua manifestação.

Para além disso, as narrativas orais também servem para o fortalecimento da memória, onde segundo Halbwachs (*apud* POLLAK, 1992, p. 201): “memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.

Contos

Sabe-se que os elementos que fazem parte de uma narrativa são personagens, ação, narração, descrição, diálogos, tempo, espaço, narrador etc.

Tal estrutura é apresentada logo no início aos estudos da educação básica e leituras sobre as diferentes narrativas, e isto faz com que os indivíduos em sua grande maioria criem uma percepção acerca da definição de conto, pensando assim, que estes são apenas um gênero textual que possui a finalidade de criar personagens, universos de seres e de caráter fictício. Para tanto, Ortiz (2004, p. 104) diz:

Contar um conto não é ler um conto. A leitura em voz alta é uma atividade enriquecedora e muito apropriada para despertar o gosto pelos livros, mas, no âmbito em que trabalha o narrador, costuma ter algumas limitações. Também não é dizer um monólogo teatral. Além do mais, a fronteira entre uma e outra atividade é ambígua [...]. Ao narrar um conto empregamos nossas palavras, que podem ser diferentes a cada vez que contamos.

Nesse viés, o autor corrobora que o ato de contar um conto permite transbordar a realidade vivenciada por estes sujeitos que estão narrando, é possível colocar um juízo de valor aos enunciados, assim também os contos fomentam a oralidade e a memória dos lugares. Para além disso, os contos fortalecem a existência da memória, pois a memória “[...] dá a cada indivíduo um passado que se estende muito além de seu passado pessoal e permite que alguma coisa das pessoas de outrora continue a viver no presente [...]” (ELIAS, 1994, p. 182).

Em outro viés, é possível que alguns contos possam apresentar em sua narrativa fatos estranhos e conseqüentemente a presença do sobrenatural pois isso possibilita a experimentação do medo, a excitação ou dúvida, isso se dá pelo fantástico dentro da narrativa, mas isto não é uma regra geral, vinculando assim no que diz Todorov (1975, p. 101-102):

Primeiramente, o fantástico produz um efeito particular sobre o leitor simplesmente curiosidade medo, ou horror, o que os outros gêneros ou formas literárias não podem provocar. Em segundo lugar, o fantástico serve à narração, mantém o suspense: a presença de elementos fantásticos permite à intriga uma organização particularmente fechada [...].



As particularidades presentes em alguns contos possibilitam que o ouvinte e leitor tenha múltiplas informações acerca e aguce a imaginação. Nesse sentido, pode-se induzir ao continuando sobre o fantástico dentro da narrativa conto e sobre o que fala Todorov (1975), observa-se que alguns contos possuem um vínculo às narrativas, optando por particularidades enunciativas que produzem uma tensão no leitor/ouvinte. Por sua vez, Correa (2011, p. 66-67) adverte que:

A narrativa fantástica, ao invés de apresentar mundos novos, dissociados da realidade, faz uso da vida cotidiana, apresentando sua problemática através da abordagem do comportamento humano. [...] Inicialmente, no século XVIII, o insólito era produzido no nível semântico; entre os séculos XVIII e XIX, exigia a presença de um elemento sobrenatural, sendo que o medo era provocado a partir da figura de um monstro ou um fantasma, demonstrando que a angústia sempre habitava o ambiente externo; no século XIX, a dimensão psicológica das personagens passou a ser mais explorada e o sobrenatural foi substituído por imagens assustadoras advindas da loucura, de alucinações ou pesadelos, sendo que a angústia habitava o interior do próprio sujeito e, finalmente, no século XX, o fantástico infiltrou-se no nível sintático, criando incoerências entre elementos da vida comum, com a angústia frente ao surgimento do absurdo.

A compreensão acerca da realidade e dos fatos fantasiosos ou míticos envolvendo os contos sempre irão existir, tendo em vista que a partir do momento que o narrador permite que fatos comprovados ou não façam parte da sua narrativa, seus defeitos podem sofrer alterações. Assim, é possível dizer que “[...] a memória parece ser uma conexão interna entre acontecimentos e experiências, ao longo da linha biográfica; trata-se de uma experiência passada, recuperada mediante um ato de atenção [...]” (GERTH; MILLS, 1963, p. 155).

Por meio do conto é possível captar novas informações sociais e humanísticas, uma vez que “[...] todo conhecimento da humanidade, qualquer que seja, no tempo, seu ponto de aplicação, irá beber sempre nos testemunhos dos outros uma grande parte de sua substância [...]” (BLOCH, 2001, p. 70).

As narrativas orais, a exemplo dos contos, produzem ligações folclóricas e permeiam características detalhadas das ações de cunho fantástico e situações em que predominam os acontecimentos entre os personagens. Nesse sentido, Cascudo (2012, p. 14) disserta sobre e explica melhor dizendo que:

Uma produção, canto, dança, anedota, conto, que possa ser localizada no tempo, será um documento literário, um índice de atividade intelectual. Para que seja folclórica é preciso uma certa indecisão cronológica, um espaço que dificulte a fixação no tempo. Pode dizer-se a época, uma época extensa, mas não a restringindo mesmo a indicação de uma década. Natural é que uma produção que se popularizou seja folclórica quando se torne anônima, antiga, resistindo ao esquecimento e sempre citada, num ou noutro meio denunciador da predileção ambiental. O folclórico decorre da memória coletiva [...].

Por outro viés, pensa-se na oralidade como ferramenta essencial para que aconteça a propagação das mais diversas histórias e conseqüentemente das narrativas, conteúdos que costumeiramente possuem os seus domínios sob as perspectivas dos entes mais idosos, conforme pontuado por Portelli (2001, p. 11):

A maior parte dos relatos pessoais ou familiares são contados em pedaços e episódios, quando surge a ocasião; quando conhecemos mesmo as vidas de nossos parentes mais próximos por fragmentos, repetições, por ouvir dizer. Muitas histórias ou anedotas podem ter sido contadas inúmeras vezes no interior de um círculo restrito, mas história total dificilmente terá sido contada em sequência, como um todo coerente e organizado: o avô ou a avó que põe um neto ou neta em seu colo para lhe contar a história de sua vida é uma ficção literária [...].

Os contos estão inseridos dentro dos meios literários, e conforme Colomer (2007, p. 52), “[...] a palavra literatura designa textos que buscam expressar o belo, o humano através da palavra. Embora se possa usá-la com significados mais amplos, deve-se distinguir seu emprego genérico de seu artístico, criativo, subjetivo [...]”.

Ou seja, a expressão “belo” citada pelo autor embora denote diversas esferas, inclusive já pré-definida pelo colonialismo, aqui vale ressaltar que está intrínseco o sentimento de pertencimento, autoria e liberdade, que faz esses sujeitos continuarem o processo de luta por mais igualdade, reconhecimento e autonomia. Através dessa afirmação, entende-se que as narrativas orais fazem parte dessas definições e fortalece a disseminação dos entendimentos acerca destes contos.

Diante de um contexto multifacetado e de uma amplitude expressionista, a literatura é também uma fonte de questionamentos, sejam por meios das músicas, textos, pinturas e outros. Sabendo disso, ela se faz presente em diversos aspectos da vida e propaga conhecimentos pertinentes ao ser humano social e pensante. Por outro pensamento, Colomer (2007, p. 4) adverte que,

[...] entre as artes, a Literatura é das mais eloquentes, devido à amplitude de seus recursos expressionais. Ela não só pode dar perenidade ao gesto ou ao ato fugaz de viver, como principalmente se concretiza em uma matéria formal que corresponde àquilo que distingue o homem dos demais seres do reino animal: a palavra, a linguagem criadora.

Para tanto, a literatura envereda pelas narrativas orais e auxilia nos impactos de compartilhamento das menções históricas nos contos que fazem uso do ser fantástico que há em suas escrituras ou personagens.

As narrativas orais permitem, assim como os dados históricos, uma reverência ainda maior sobre os costumes e crenças das comunidades. Assim, é através da oralidade que há essa proliferação de questões sociais e culturais.

A oralidade faz parte das ações do contar, do dialogar, com ênfase nas performances, nas mais diversas histórias de lendas, assombrações ou outras. Ademais, nota-se que as narrativas orais permeiam a vida social desde sempre, desde quando o homem se entende como um ser pensante, um ser social. Segundo Zumthor (2018, p. 65),

Na situação de oralidade pura, tal como pode observá-la um etnólogo entre populações ditas primitivas, a “formação” se opera pela voz, que carrega a palavra; a primeira “transmissão” é obra de um personagem utilizando em palavra sua voz viva, que é, necessariamente, ligada a um gesto. A “recepção” “vai se fazer pela audição acompanhada da vista, uma e outra tendo por objeto o discurso assim performatizado: é, com efeito, próprio da situação oral, que transmissão e recepção aí constituam um ato único de participação, co-presença, está gerando o prazer.



Nesse caso, Clandinin e Connelly (*apud* FIORENTINI, 2006, p. 29) fala que:

As narrativas são histórias que atribuem sentido, importância e propósito às práticas e resultam da interpretação de quem está falando ou escrevendo. Essas interpretações e significações estão estreitamente ligadas às suas experiências passadas, presentes e futuras.

Desse modo, as narrativas orais são elementos que podem ser introduzidas ao contexto educacional, servindo tanto para o professor de História quanto para o professor de Língua Portuguesa, pois há diversos aspectos que facilitam a discussão na sala de aula. Como soma de tal afirmativa, Clandinin e Connelly (*apud* FIORENTINI, 2006, p. 29) afirmam que:

As narrativas representam um modo bastante fecundo e apropriado de os professores produzirem e comunicarem significados e saberes ligados à experiência. As narrativas fazem menção a um determinado tempo (trama) e lugar (cenário), onde o professor é o autor, narrador e protagonista principal. São histórias humanas que atribuem sentido, importância e propósito às práticas e resultam da interpretação de quem está falando ou escrevendo. Essas interpretações e significações estão estreitamente ligadas às suas experiências passadas, atuais e futuras.

Ao contar histórias, os professores não apenas transmitem informações, mas também contextualizam o conhecimento em uma trama e cenário específicos, onde desempenham múltiplos papéis como autor, narrador e protagonista. Essas narrativas são essencialmente humanas, pois atribuem significado e propósito às práticas educacionais, refletindo as experiências e interpretações do professor. Dessa forma, as histórias contadas em sala de aula não só enriquecem o processo de aprendizagem, mas também conectam os alunos às experiências passadas, presentes e futuras, promovendo uma compreensão mais profunda e significativa dos conteúdos.

O conto como atributo de resistência e resgate cultural

Por outro lado, as narrativas orais também facilitam na criação e na afirmação da identidade, além de evidenciar a memória. Nesse caso, “[...] a identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação [...]” (CUCHE, 1999, p. 178).

As narrativas orais possuem grandes relevâncias no ato de contar, deixam marcadas as diversas memórias de um povo, de uma região, de pessoas que usam personagens para fortalecer os aspectos históricos e formativos dos determinados lugares.

Desde o princípio, sempre foi usado a história e a escrita para repassar os dados históricos, as façanhas, os grandes acontecimentos, e é isso que permite com que novas gerações tenham conhecimento a respeito de tais fatos. Para Rossi (2010, p. 23), “[...] o mundo em que vivemos há muito tempo está cheio de lugares nos quais estão presentes imagens que têm a função de trazer alguma coisa à memória [...]”. Narrar é o ato de contar de maneira simples e compreensiva aquilo que é vivido, sentido e que há necessidade de outras pessoas saberem. Assim sendo, Piglia (2006, p. 2) diz:

De certo modo, somos todos contadores de histórias, todos somos especialis-

tas em contar histórias, todos trocamos histórias. Somos todos contadores de histórias e todos sabemos narrar, com maior ou menor relevância e qualidade. Um dia na vida de qualquer um de nós é também um dia feito de histórias que contamos e contamos. As histórias que contamos e contamos ao longo do dia podem muito bem ser um dos registros da nossa experiência.

A história existe porque houve pessoas que desejaram repassar tais informações, usando a escrita para imortalizar cada acontecimento. Ao olhar para o legado histórico, percebe-se diversos agentes que se mobilizaram em prol do fortalecimento desses dados, tal como as narrativas orais que permeiam diferentes meios culturais.

Desse modo, as memórias dos mais diversos lugares se ascendem quando outras pessoas as conhecem. Segundo Le Goff (2013, p. 437), “A memória, a qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro [...]”. Nesse sentido,

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2013, p. 39).

As diversas manifestações artísticas se fazem através de uma intuição, de algum objetivo. Assim, as narrativas orais possuem o engajamento de transmitir as mais diversas histórias de vidas, de pessoas, comunidades e regiões, prevalecendo esse legado de continuar os dizeres que perpetuam nas diversas partes do país.

Alicerçado a essa ideia, Halbwachs (2013, p. 10) diz que as “[...] lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós [...]”.

Para além disso, é relevante dizer que as definições de narrativas entram por diversos vieses e pensamentos, ou seja, há diferentes teóricos que abordam conceitos adversos, mas que mesmo assim permitem que exista um entendimento coerente sobre tal questão. Em consonância, Salvatore D’Onofrio (2007, p. 46) define narrativa como:

[...] todo discurso que nos apresenta uma história imaginária como se fosse real, constituída por uma pluralidade de personagens, cujos episódios de vida se entrelaçam num tempo e num espaço determinado. Nesse sentido amplo, o conceito de narrativa não se restringe apenas ao romance, ao conto e à novela, mas abrange também o poema épico e outras formas menores de literatura [...].

Por outras ideias, parte-se da intenção de saber mais sobre outros conceitos, assim, sabendo da definição dada pelo teórico acima, Sodré (1988, p. 75) diz que narrativa é:

[...] um discurso capaz de evocar, através da sucessão temporal e encadeada de fatos, um mundo dado como real ou imaginário, situado num tempo e num espaço determinados. Na narrativa, distingue-se a narração (construção verbal ou visual que fala do mundo) da diegese (mundo narrado, ou seja, ações, personagens, tempos). Como uma imagem, a narrativa põe diante de



nossos olhos, nos apresenta, um mundo. O romance, o conto, o drama, a novela, são narrativas [...].

Desse modo, Sodré (1988) afirma com convicção o seu pensamento a respeito das narrativas. E como soma, por outro lado, Barthes (2008, p. 76) afirma que as narrativas:

Inumeráveis são as narrativas do mundo. [...] a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomina, na pintura [...] no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação.

Desse modo, torna-se válido dizer que cada pessoa compõem uma narrativa, uma história vivida e que pode ser contada através de meios orais ou escritos. Nisso, as narrativas orais possuem um propósito, uma finalidade de contar, surgindo assim, os contos, romances, as fábulas e outros. Através disso, Bosi (2003, p. 75) destaca:

Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, as correntes do passado só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas.

É necessário que as pessoas se recordem da história que foi passada para que os costumes, a cultura e as crenças continuem se propagando e fortalecendo os costumes da referida comunidade local, espaço onde estamos inseridos cotidianamente. Nesse caso, Halbwachs (2013, p. 31) afirma:

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso [...].

O ato de contar história é universal, ascende há muito tempo. Na escola, as crianças possuem os primeiros contatos com as mais diversas narrativas infantis, quando a professora, de modo sublime e pedagógico, pega ferramentas lúdicas e começa a encenar, contar e narrar as histórias. É nesse momento que tais atitudes promovem no aluno um olhar mais atento sobre o seu lugar, seu espaço que está inserido.

Além disso, a escola possui como necessidade a promoção e incentivos à leitura e quando inserida em espaços originários, a exemplos, espaços quilombolas, há como se trabalhar de diferentes formas, desde as histórias de assombrações, lendas, até as narrativas que enfatizam os costumes de outros tempos. Nessa esteira, Barthes (2009) explica que o narrar se faz presente nos muitos tempos e lugares,

[...] em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar algum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas, muitas vezes essas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, até mesmo opostas: a narrativa zomba da boa e da má literatura:

internacional, trans- histórica, transcultural, a narrativa está sempre presente, como a vida [...]. (BARTHES, 2009, p. 19).

É importante preservar as coisas que formaram o país, fortalecendo os instrumentos, as cantigas, os contos, as fábulas, os mais diversos mecanismos que permitem à comunidade permanecer viva. Desse modo, reafirmando com mais precisão, Halbwachs (2013, p. 39) diz:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo [...].

A memória permite rever, ver e relembrar sentimentos, sensações e momentos que um dia já foram vividos. É através dela que há o reconhecimento do que um dia já se foi e que há coisas para acontecer. Olhando para a história, observa-se diversas pessoas que um dia lutaram para que o povo da atualidade tivesse algum direito. Nessa esteira, é necessário pensar que “[...] somos indivíduos porque temos memória. Somos exatamente aquilo que lembramos [...]” (IZQUIERDO, 2004, p. 16).

A memória, o contar, resgata e possibilita que outras pessoas conheçam os fatos que estão dentro do espaço de convívio. Desse modo, “[...] a memória parece ser uma conexão interna entre acontecimentos e experiências, ao longo da linha biográfica; trata-se de uma experiência passada, recuperada mediante um ato de atenção [...]” (GERTH; MILLS, 1963, p. 155). Nesse caso, Bosi (1994, p. 39) evidencia que,

[...] a memória é um cabedal infinito do qual registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vívidas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão. [...] Continuando a escutar, ouviríamos o outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso escutar o infinito.

Considerando o que explicou Bosi (1994), temos entendimentos sobre diferentes fatores que contribuem para o enriquecimento da história formativa dos lugares e imortalizam os seus mais diversos costumes. Assim sendo, Thompson (1992, p. 17) reitera que:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos [...].

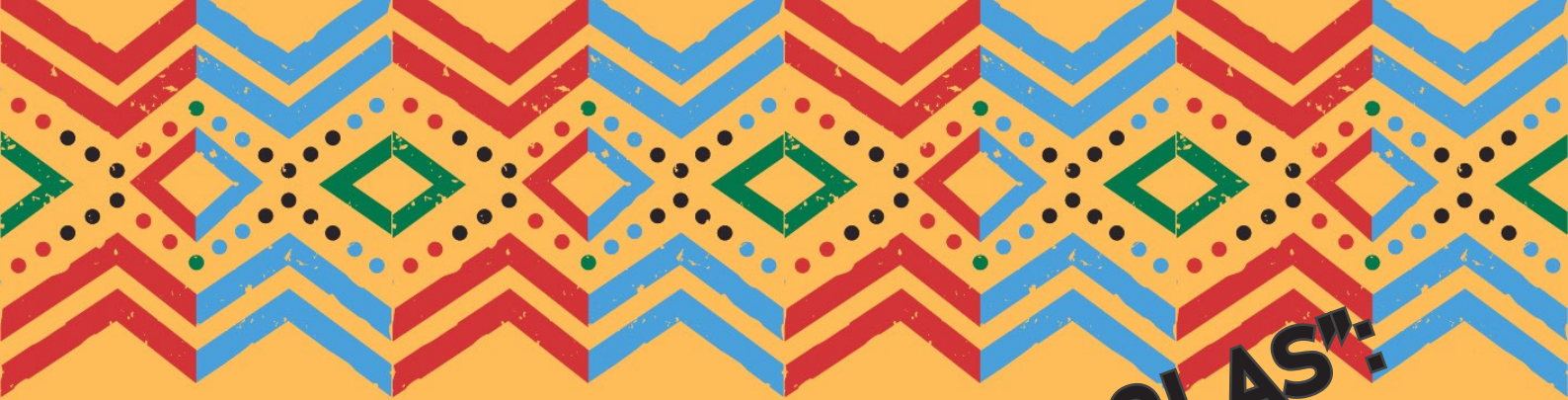
Em consonância com a afirmativa de Thompson (1992), reconhece-se a importância da história oral, assim como a sua contribuição para o fortalecimento da memória, sendo que isso faz parte da nossa construção social. Nesse caso, falar das narrativas que permeiam as diversas crenças dos lugares e pessoas é possibilitar a sua existência entre os mais diversos meios das narrativas. Desse modo, Bittencourt (2009, p. 143) diz:

[...] é certo que as narrativas criam identidades, porque os personagens são apreendidos de forma mais “humana”, com sofrimentos, alegrias e dúvidas tais como ocorrem com todos os seres humanos. As experiências passadas podem ser compartilhadas com quem vive no presente, despertam maior empatia com os fatos e criam afinidades.

Não há como transformar o presente sem refletir sobre toda a estrutura que possibilitou a sua existência. Assim, o conhecimento histórico é uma fonte relevante para discussões nos momentos atuais e permite que a história sirva como exemplo e influência. Como tange as narrativas orais, há mecanismos que somam com a escrita para deixar vivo os fatos culturais. Através disso, a Base Nacional Comum Curricular (2017) afirma, no que tange a presente discussão, que

Todo conhecimento sobre o passado é também um conhecimento do presente elaborado por distintos sujeitos. O historiador indaga com vistas a identificar, analisar e compreender os significados de diferentes objetos, lugares, circunstâncias, temporalidades, movimentos de pessoas, coisas e saberes. As perguntas e as elaborações de hipóteses variadas fundam não apenas os marcos de memória, mas também as diversas formas narrativas, ambos expressão do tempo, do caráter social e da prática da produção do conhecimento histórico. Assim, o cotidiano não estaria “fora” da História, mas sim no centro dos acontecimentos. (BRASIL, 2017, p. 399).

É consenso que a oralidade sempre serviu como meio de repassar mensagens, as cartas, os mapas, contribuíram muito e ainda fazem parte do enredo da história, no entanto, hoje, percebem-se outras fontes, assim como a tecnologia e diferentes outras ferramentas que elucidam esse processo enunciativo da oralidade e contribuem para uma divulgação mais ampliada.



“COMUNIDADES QUILOMBOLAS”: **uma visão histórico-social e descolo-** **nialista**



Tem-se como desafio a compreensão da ideologia de uma visão histórico-social e descolonialista das comunidades quilombolas deste país. Não tem sido fácil para as camadas sociais entender essa representação, a qual vai além de uma esfera político-social, pois se debruçam também no aspecto cultural, intercultural, linguística, semântica e outros. Segundo Quijano (2000, p. 342),

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Baseia-se a imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, esferas e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social quotidiana e da escala social. Origina-se e se mundializa-se a partir da América.

Fala-se que o colonialismo em sua análise global já não tem a força que outrora teve neste país, no entanto, existe uma presença bem marcante deste nas mais diversas formas, por exemplo no silenciamento dos grupos que estão à margem da sociedade, tais como os negros, os índios e outros. Nesse sentido, Gonzalez (1988, p. 73) pontua que,

Enquanto grupos étnicos diferentes e dominados, mouros e judeus eram sujeitos a violento controle social e político. As sociedades que vieram a constituir a chamada América Latina foram as herdeiras históricas das ideologias de classificação social (racial e sexual) e das técnicas jurídico-administrativas das metrópoles ibéricas. Racialmente estratificadas, dispensaram formas abertas de segregação, uma vez que as hierarquias garantem a superioridade dos brancos enquanto grupo dominante. [...] O racismo latino-americano é suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento [...].

A partir do momento em que a sociedade compreender esse viés e efetivamente atribuir legitimidade às vozes que estão silenciadas, inclusive em seus espaços territoriais, que são por direito desses povos, e quando um conjunto de políticas públicas for colocado em prática, somente então a noção e concepção sobre descolonialismo poderão sobrepor o colonialismo. Logo, é necessário elaborar um pensar descolonial, no que tange as comunidades quilombolas e reconhecê-los como sendo sujeitos detentores de sua história e vivência.

Essa concepção descolonial rompe com estes valores e ações que envolvem a transgressão, desvalorização, segregação e que ainda estão arraigados na colonização. Quando se fala em resistência, ações, projetos e desconstrução de padrões impostos tem-se a descolonialidade.

Embora historicamente as marcas da colonialidade estejam presente nas relações sociais, é possível analisar esta concepção no modelo de construção criado como sendo a heteronormatividade, ou seja, uma ideologia baseado por exemplo na concepção de relacionamentos heterossexuais, e qualquer sujeito que não viva esse modelo pré-estabelecido pela sociedade sofre discriminação, segregação, em se tratando de cor, raça, ocorre o mesmo, a hegemonia e pensamento eurocêntrico ainda impregnado no seio social. Segundo Luz (2008, p. 143 *apud* ALCANTARA 2017, p. 3),

[...] pode-se dizer que o Estado é hoje caracterizadamente de bases europocêntricas, positivistas e produtivista, e até mesmo racista na sua constituição e projeção ideológica de concepção de República, alijando do exercício do poder de Estado importantes segmentos populacionais das vertentes civilizatórias ameríndia e de origem africana. É nesse sentido que se pode falar de nação inconclusa, pois o Estado nacional não contempla os valores, as necessidades e aspirações da grande maioria da população, não legitimando e mesmo recalcando e excluindo de seu contexto a pluralidade sócio-cultural brasileira, fixando-se em paradigmas europocêntricos na constituição da República, envolvendo o conceito de democracia [...].

Nesse viés, de nação inconclusa é possível perceber que a estrutura de racialização dos grupos humanos que se instaurou no período colonial mantém-se até hoje por meio da colonialidade (QUIJANO, 2010). A incorporação de políticas públicas é uma grande aliada no processo de mudança de pensamentos eurocêntricos, tais como a criação das leis Nº 10.639/2003 e Nº 11.645/2008, que visam a inserção nos currículos escolares do ensino voltado para a cultura afro e indígena no Brasil. Segundo Backes (2018, p. 56):

[...] os currículos das escolas indígenas são efetivamente um locus de resistência, dado que se pautam em pedagogias decoloniais. Não há competição, mas colaboração entre comunidade e escola, entre alunos e professores. Não há monoculturalismo eurocêntrico, mas uma busca permanente da interculturalidade, marcada, sobretudo, não pela ideia de hierarquização, desqualificação e negação da diferença no modo de ser ou conhecer, mas pela possibilidade de conhecimentos diferentes serem complementares.

Pode-se considerar que esta inclusão nos currículos escolares, principalmente das escolas indígenas e quilombolas é uma grande vitória, mas sabemos também que existe um longo percurso até que esta concepção colonial não impere mais em um país de tamanha diversidade étnico-racial.

Trajetória histórica da população negra no Brasil e a formação dos Quilombos

Sabe-se que o fenômeno da escravidão é tão antigo quanto a existência da própria humanidade, desde o Império romano e tempos da antiguidade, milhares de seres humanos foram vendidos. O tráfico de africanos escravizados no Brasil começou por volta de 1535, algumas décadas depois da chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral à Bahia, em 1500 (GOMES, 2019, p. 25).

Inicialmente eles vieram com o advento da atividade econômica industrial do açúcar. No entanto, essa mão de obra “barata”, para os fazendeiros e senhores donos de casa e comércios, logo se espalhou pelo país. Alguns séculos depois, já era possível que todos os brasileiros “livres”, mantivessem pelo menos um escravizado sobre seu domínio. Nas mais diversas funções, inclusive, quando os escravizados se tornavam livres, eles também mantinham com eles outros cativos.

Gomes (2019, p. 25) acrescenta que,

O Brasil foi o maior território escravista do hemisfério ocidental por quase três séculos e meio. Recebeu, sozinho, quase 5 milhões de africanos cativos, 40%



do total de 12,5 milhões embarcados para a América. Como resultado, é atualmente o segundo país de maior população negra de origem africana do mundo. Os afrodescendentes brasileiros, classificados nos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como pretos e pardos, somam hoje cerca de 115 milhões de pessoas, número inferior apenas à população da Nigéria, de 190 milhões de habitantes, e superior à da Etiópia, o segundo país africano mais populoso, com 105 milhões.

Com a expansão do escravismo no país, a população negra cresceu, tornando o Brasil um país de multiplicidade étnica, racial e diversidade cultural tão extensa. No entanto, mesmo diante desses dados presentes na história e na realidade da nação, infelizmente o preconceito, legado da escravidão, ainda se faz presente de forma velada ou estrutural. Apesar de ser explicitamente perceptível que a maioria da população brasileira é negra, o território mantém ideais que refletem princípios de um país colonizado, negligenciando e silenciando a presença dessa população.

Esse cenário é corroborado por Gomes (2019, p. 19), o qual desta que,

Quase a totalidade dos 12,5 milhões de embarcados nos navios negreiros jamais teve a oportunidade de voltar às suas origens africanas. Os índices de mortalidade eram altíssimos. Pelo menos 1,8 milhão morreu ainda na travessia do atlântico. Entre os que chegavam ao novo mundo, as expectativas de vida eram mínimas. Poucos sobreviveram aos primeiros anos de trabalho cativo.

Quando saíam de seus países e eram acorrentados em navios, muitos não imaginavam que dali não sairiam vivos, enfrentariam uma luta de resistência contra o próprio corpo. É necessário reconhecer que esse processo ao qual foi submetido, milhares e milhares de negros e negras, foi uma tragédia humanitária com consequências incalculáveis.

Gomes (2019, p. 135) acrescenta que,

Os cativos ali chegavam assustados, abatidos e doentes, depois de uma longa travessia, de quase dois meses entre a África e o Novo Mundo. Muitos tinham ferimentos provocados pelas correntes e grilhões que os imobilizavam durante a viagem. Outros estavam desidratados e desnutridos, sem condições de se manter de pé pelas próprias forças.

Quando o dia amanheceu, os guardas formaram um grupo com todos os doentes que tinham manchas na pele e disseram que seriam mais bem cuidados fora do porão. Acho que todos já sabiam o que ia acontecer (GONÇALVES, 2017).

Muitos historiadores trazem os relatos sobre a história da escravidão africana com concepções de detalhes que podem se diferenciar, poderiam até dizer que pode existir uma contradição. Isso ocorre quando muitas pessoas ainda tentam justificar que, naquele período, os negros eram vendidos pelas tribos e por negros e negras dentro do próprio país.

Mas, o que não se pode e não tem como deixar cair no esquecimento são os dados sobre os números de mortos, famílias que foram separadas, mulheres que foram violentadas e os mais diversos tipos de castigos pelos quais foram submetidos. Acerca desse período, evidencia-se que,

De cada grupo de cem escravos capturados no interior da África, apenas quarenta sobreviveriam ao final dessa extensa jornada entre os locais de captura e o destino final da viagem, do outro lado do Atlântico. Em torno de 60% do total perderiam a vida pelo caminho. Traduzindo em números absolutos, ao longo de mais 350 anos, entre 23 milhões e 24 milhões de seres humanos teriam sido arrancados de suas famílias e comunidades em todo o continente africano e lançados nas engrenagens do tráfico negreiro. Quase a metade, entre 11 milhões e 12 milhões de pessoas, teria morrido antes mesmo de sair da África. Hoje estima-se com relativa segurança que aproximadamente 12,5 milhões de cativos foram despachados nos porões dos navios, mas só 10,7 milhões chegaram aos portos do continente americano. (GOMES, 2019, p. 46).

Considerando esses dados, é possível compreender a razão pela qual muitos indivíduos, após desembarcarem e serem vendidos como escravos no Brasil, cometiam suicídios. O terror que vivenciaram durante a travessia, juntamente com as perdas de entes queridos ao longo desse processo, pode explicar esses acontecimentos. Entre o início e o final do tráfico negreiro, pelo menos 1,8 milhões de cativos morreram durante a travessia, isso significa que, sistematicamente, ao longo de 350 anos, em média, catorze cadáveres foram atirados ao mar todos os dias (GOMES, 2019).

O que viria a ocorrer após este desembarque eram cenas difíceis de entender, pois não bastasse o terror vivido nos navios, era o momento de separação daqueles que passaram meses juntos, algo totalmente desconhecido os esperava. E a luta por sobrevivência dava início novamente e assim seria até os últimos dias de sua vida.

Segundo Gomes (2019), o segredo era apresentar os cativos com a aparência mais saudável possível, de maneira a impressionar os compradores e, assim, obter preços melhores por eles. Existiam cargas de navios negreiros com destino já traçado, eram encomendados por um comprador que geralmente possuía muitas terras e muito poder aquisitivo para a compra em grande número.

Outros, no entanto, passariam pelo leilão, que era a forma de venda mais habitual naquele período, para os que tinham investido nos negros, era necessário ter o “lucro” em suas vendas para que não saíssem no “prejuízo”, dava início a um processo de maquiagem sobre os sobreviventes que seriam vendidos. Acerca desse contexto, cabe pontuar que,

A primeira providência consistia em retirar, com vários dias de antecedência, as correntes e algemas que prendiam os escravos, de modo que, ao chegar, não houvesse marcas visíveis na pele. A segunda era lavá-los cuidadosamente, com esponja e sabão. Feridas eram tratadas e cobertas com um pó cicatrizante. Os homens tinham os cabelos raspados e a barba feita com esmero. Eventuais fios grisalhos seriam arrancados ou pintados de preto. Os mais velhos que tivessem a pele macilenta ou enrugada teriam o rosto e o tronco polidos com uma pedra ou areia fina. Reforçava-se também as refeições, que passavam a incluir alimentos mais ricos em carboidratos e proteínas. Por fim, os marinheiros untavam os corpos dos africanos com óleo de dendê, de maneira que ficassem brilhantes e parecessem bem hidratados. (GOMES, 2019, p. 256).

Representando a oportunidade de lucrar e, com isso, dar continuidade ao tráfico, o objetivo inicial e primordial era manter o comércio de escravos em funcionamento. A lucratividade era evidente, e todos saíam “ganhando”, exceto os próprios negros. No ato da compra, algo que chamava a atenção para uma venda bem-sucedida e, consequentemente, uma boa compra, era a aquisição daquilo que eles chamavam de “Mão de obra acessível

e barata”, para os senhores fazendeiros, comerciantes e proprietários dos escravizados.

Sobre o comércio de pessoas escravizadas, Gomes (2019, p. 220) explica que,

Quando uma pessoa quer comprar um escravo, ela visita os diferentes depósitos, indo de uma casa a outra, até encontrar aquele que a agrada. Ao ser chamado, o escravo é apalpado em várias partes do corpo, exatamente como se faz quando se compra um boi no mercado. Ele é obrigado a andar, correr, esticar seus braços e pernas bruscamente, falar, mostrar a língua e os dentes. Esta é a forma considerada correta para avaliar a idade e julgar o estado de saúde do escravo.

Essas características eram constantemente exigidas e levadas em consideração pelos compradores, além disso era necessário ter os dentes perfeitos, demonstrar vitalidade e estarem com aspectos saudáveis, não eram poupadas para venda, nem mesmo as crianças e idosos. Após a efetivação da compra eram estocados como produtos em salas de depósito, sem qualquer tipo de manutenção biológica, cuidado e atenção da qual necessita um ser humano. Prossegue-se tal contextualização, pontuando-se acerca das senzalas brasileiras, as quais:

[...] segundo definição do sociólogo Clóvis Moura, eram um conjunto habitacional de construção rústica, sem janelas, construído de taipa e coberto de palha. O piso era de terra batida. Não havia instalações sanitárias – como era de se esperar, já que nem na própria casa-grande havia esse tipo de conforto. O espaço médio, de cerca de vinte metros quadrados por cômodo, abrigava homens, mulheres e crianças que nem sempre tinham vínculos de parentesco, o que muitas vezes criava um ambiente de promiscuidade entre eles. Para evitar fugas, durante a noite, o feitor trancava as portas por fora com cadeado e corrente. Os cativos ficavam, dessa forma, confinados a esses cubículos até de manhã, quando seriam liberados para o início da jornada de trabalho [...]. (GOMES, 2019, p. 256).

Assim como pontuado pelo autor, os escravizados não poderiam cometer qualquer tipo de erro, não tinham o direito de adoecer, de descanso, trabalhavam acorrentados, sempre presos e vigiados. Deixaram-nos toda uma noite, de joelhos, presos pelo pescoço a um bloco, como um mísero animal, sem ter as suas feridas tratadas (GOMES, 2019, p. 257).

A comunicação entre eles era restrita, até mesmo sendo de etnias linguísticas diferentes, algo que ocorria de forma proposital, justamente para não existir comunicação entre eles, e os rituais religiosos eram proibidos. Os escravizados eram essenciais para as produções de engenho de açúcar, café, ouro e outros. Sua relevância era primordial e pode-se considerar que fazem parte das construções, progressos e produção que trariam lucratividade para este país.

Depois de quase quatro séculos de escravismo no Brasil, quase no final do século XIX, no ano de 1845, a Inglaterra aprovou a lei Bill Aberdeen, que consistia na proibição do tráfico de escravos. Em seguida passou a pressionar para que o Brasil pudesse aderir ao mesmo, ameaçando romper negócios com o país.

Contrapartida a isso, o Brasil no ano de 1850 criou a Lei Eusébio de Queiroz, que assegurava que a Inglaterra poderia confiscar e libertar qualquer navio que fosse encontrado a caminho do Brasil. Em seus termos,

HM6 Art. 1º. As embarcações brasileiras encontradas em qualquer parte, e as estrangeiras encontradas nos portos, enseadas, ancoradouros, ou mares territoriais do Brasil, tendo a seu bordo escravos, cuja importação está proibida pela Lei de sete de novembro de mil oitocentos e trinta e um, ou havendo-os desembarcado, serão apreendidas pelas autoridades, ou pelos navios de guerra brasileiros e consideradas importadoras de escravos. Aquelas que não tiverem escravos a bordo, porém que se encontrarem com os sinais de se empregarem no tráfico de escravos, serão igualmente apreendidas, e consideradas em tentativa de importação de escravos. (BRASIL, 1850, p. 1).

No ano de 1871, sob pressão de outros países que já haviam abolido a escravidão, foi criada a lei do Ventre Livre, que instituía que todos as crianças que nascessem filhos de escravos, a partir de então estariam livres. Observa-se, com isso, a incoerência e mais uma tentativa de postergar e de ludibriar a população negra. Como poderiam ser livres, se seus pais ainda estavam sob o jugo do colonizador?

Seguinte a isto foi promulgada outra lei que atentava contra a capacidade de inteligência destes moradores e de outros países. A lei do sexagenário, que determinava que toda pessoa que fosse escravizado com mais de sessenta anos, estariam livres. Como isso poderia acontecer, se a expectativa de vida dos escravos não chegaria a 19 anos de idade no Brasil do último quarto do século XIX, segundo Schwartz (1988). Portanto, eles não chegariam a esta idade.

A escravidão no Brasil teve “fim”, somente no ano de 1888, com a lei Áurea, promulgada 13 de maio, depois de muito se adiar, isso ocasionou um processo carregado de contradições, e que colocou a população negra em posição de subalterno sociais. Segundo Carvalho (2001, p. 56):

Foi somente em 1888, com a assinatura da Lei Áurea, que finalmente a escravidão foi abolida. A Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, filha do imperador Dom Pedro II, teve origem nas manifestações de escravos e nas lutas abolicionistas, porém, sem nenhum projeto, nenhuma política pública voltada para a inserção dos ex-escravos na sociedade, que foram largados à própria sorte [...].

Em decorrência desse fator, muitos continuaram em situação análoga a da escravidão, sem ter onde se refugiar, e sem proteção alguma. Essa lei não garantiu que os maus-tratos cessassem, não isentou de serem agredidos, de não poderem frequentar os mesmos locais que os brancos, e a situação se tornou insustentável. Theodoro (2008, p. 27- 28) explica que,

No Brasil, a abolição significará a exclusão dos ex-escravos das regiões e setores dinâmicos da economia. Em sua grande maioria, eles não serão ocupados em atividades assalariadas. Com a imigração massiva, os ex-escravos vão se juntar aos contingentes de trabalhadores nacionais livres que não tem oportunidades de trabalho senão nas regiões economicamente menos dinâmica, na economia de subsistências áreas rurais ou em atividades temporárias, fortuitas, nas cidades.

A escravidão não cessou com a Lei Áurea. O preconceito, a discriminação racial, a falta de trabalho e sem ter como se alimentar, fez com que muitos ocupassem terras abandonadas ou com proprietários que não utilizavam. Eis que começa um novo processo de luta e resistência, agora, por moradia.

A palavra “quilombo” possui diversas acepções no Brasil, de acordo com alguns teóricos. Na língua Kimbundu, falada no noroeste de Angola, escreve-se ‘Kilombo’, já na língua Umbundo, da centralidade de Angola, é nomeado como “Ochilombo”, que significam comunidades ou grupos que viviam com suas famílias em áreas isoladas ou mais próximas de centros urbanos, pessoas que adotavam estilos de vida, criavam animais e sobreviviam da venda de mercadorias, tais, como os plantios de seus cultivos da agricultura. De igual modo, o povo de Bantus, localizado em Angola, país da África, nomeavam como “Guerreiros da floresta”. Segundo Munanga (1996, p. 8),

Coincidentemente, a formação da instituição quilombo no continente africano, especificamente na área cultural bantu, aconteceu também nos séculos XVI e XVII. O quilombo africano, no seu processo de amadurecimento, tornou-se uma instituição política e militar transétnica, centralizada, formada por sujeitos masculinos submetidos a um ritual de iniciação. A iniciação, além de conferir-lhes forças específicas e qualidades de grandes guerreiros, tinha a função de unificá-los e integrá-los ritualmente, tendo em vista que foram recrutados das linhagens estrangeiras ao grupo de origem. Como instituição centralizada, o quilombo era liderado por um guerreiro entre guerreiros, um chefe intransigente dentro da rigidez da disciplina militar.

A história do quilombo, como a dos povos bantu, é uma história que envolveu povos de regiões diferentes entre Angola e Zaire. A tradição oral - com o que tem de lacunas e de imprecisões - continua sendo até hoje uma das grandes fontes de informação da história da África negra (MUNANGA, 1996).

Já no Brasil, o nome “Quilombo” originou de “Kilombo”, e aqui foi aportuguesado, ainda na administração colonial por volta dos anos de 1740. Acrescenta-se que Quilombo pode ter várias denominações e sinônimos no contexto brasileiro, tais como terra de pretos, comunidade rural afro-brasileira, mocambos, remanescentes de comunidades quilombolas, comunidades quilombolas, terras de quilombos e outros.

Sua presença e seu significado no Brasil têm a ver com alguns ramos desses povos bantu cujos membros foram trazidos e escravizados nesta terra. Trata-se dos grupos lunda, ovimbundu, mbundu, kongo, imbangala, entre outros, cujos territórios se dividem entre Angola e Zaire (MUNANGA, 1996).

Assim, quilombo foi descritivamente definido como toda habitação de negros fugidos, composta por mais de cinco membros, em uma área parcialmente despovoada, mesmo que não tenham ranchos construídos e nem se encontrem pilões dentro dela (ALMEIDA, 2002).

Historicamente, as comunidades quilombolas são sinônimos de resistência, lutas travadas por reconhecimento e legalização de terras. A distância que separa casa grande e senzala não é algo restrito ao passado, ainda é predominante nas diferenças sociais, cultural e no isolamento geográfico, uma classe que sonha em ser tratada com igualdade, respeito e que seus direitos sejam de fatos concretizados. Munanga (1996, p. 8) pontua que,

Pelo conteúdo, o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos. Escravizados, revoltados, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não-povoados, geralmente de acesso difícil.

Mesmo considerado uma reprodução do modelo africano, existem peculiaridades

nesses territórios, sabe-se que depois de muitos anos, nem todos os fazendeiros eram a favor do sistema escravocrata, pois muitos deles contribuíram para fugas em massa. Além disso, terras foram doadas por senhores e serviram de refúgio, tendo em vista que eram mais seguras por ter o apoio destes, sobretudo em prol da luta por libertação.

Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em uma espécie de campos de iniciação à resistência, abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda busca alcançar (MUNANGA, 1996).

Nessa esteira, diante das inúmeras opressões e barreiras de acesso enfrentadas pela população negra ao longo de gerações, a formação de quilombos representou uma oportunidade de resistência e uma ameaça aos interesses burgueses e capitalistas do país.

Enfatizando-se, ainda, que não houvesse negro residindo em seus territórios, a formação desses quilombos deveria ser extinta, isto em uma tentativa de evitar a materialização da resistência negra, esta era a concepção colonizadora. Segundo Fiabani (2008, p. 24),

Um fator que identifica, determina o pertencimento e une os membros das comunidades negras rurais. Ser quilombola significa pertencer a um movimento organizado e ter posição política na busca por direitos. As lideranças das comunidades utilizam a identidade étnica quilombola como elemento de coesão do grupo e como força política coletiva em suas demandas perante o Estado.

Almeida (2002), por sua vez, explica que as comunidades quilombolas são unidades sociais baseadas em novas solidariedades, construídas consoante a combinação de formas de resistência que se consolidaram historicamente.

Na Constituição Federal de 1988 ocorreu uma nova forma de reconhecimento passando a ser considerado como multiétnico e multicultural, dando oportunidades para que, a partir dessa nova reorganização, as comunidades tradicionais adquirissem identidade e passassem a ser consideradas detentoras de direitos e pertencente ao sistema social.

Memória, Identidade e Resistência nos batuques festivos

Por meio de uma pesquisa realizada no quilombo Santa Maria dos Pretos, localizado no município de Itapecuru Mirim, foi possível identificar que a memória é um dos processos que a comunidade carrega por diversas gerações, sendo uma forma de ecoar resistência e manter viva a cultura e ancestralidade deste povo.

Mostra-se relevante ressaltar que a memória são as lembranças individuais ou coletivas que podem ressignificar a existência destes sujeitos. Nesse sentido, uma memória do passado pode ser evocada no presente e possibilita que o futuro tenha uma nova dimensão. Essa apropriação dos fatos narrados, por exemplo, nos contos orais, acaba vinculando os valores identitários, para além da dimensão cultural, expressando a territorialidade, a resistência, diversidade e a concepção sobre as relações coletivas.

Sendo a memória um processo de categorias que estiveram presentes no contexto social do sujeito, tem-se que evidenciar que existem dois tipos, memória individual e coletiva, e que ambas existem fatores que as tornam mutável e invariante. As percepções podem sofrer mudanças de ordem cronológica ou de ações não completas.

Um exemplo desse fenômeno pode ser observado nas entrevistas que serão aborda-

das nesta pesquisa. É notável que, quando uma mesma narrativa é contada mais de uma vez pelo mesmo sujeito, algumas ações são ocultadas enquanto outras surgem no enredo.

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com os outros meios, todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influência que são, todas, de natureza social. Dessas combinações, algumas são extremamente complexas. É por isso que não depende de nós fazê-las aparecer. É preciso confiar no acaso, a sucessão de lembranças, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos (HALBWACHS, 1990, p. 77).

Ao retratar as narrativas orais, torna-se evidente a importância de rememorar as ações vivenciadas pelos indivíduos, uma vez que a prática de manifestações culturais desempenha um papel fundamental no processo de construção da memória coletiva.

Nesse sentido, devemos salientar os desafios presentes neste processo de construção, tendo em vista primeiramente a diversidade étnica e cultural presente neste país. Prossegue-se dialogando-se com Abreu (2003, p. 2), o qual explica que:

Todos nós, homens e mulheres somos feitos de diversidade. Esta, embora esconda também a semelhança, é geralmente traduzida em diferenças de raças, de culturas, de classe, de sexo ou de gênero, de religião, de idade, et. A diferença está na base de diversos fenômenos que atormentam as sociedades humanas.

A identidade é o processo de autopercepção e de se sentir inserido naquilo que ele acredita como convicção para a vida pessoal e para a convivência em sociedade. Acerca dos entendimentos de identidade, Hall (2005, p. 9) elucida que:

Está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados [...]. Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

O mundo perpassa por diversas transformações, estamos constantemente engajados em novas culturas, são novas concepções e descobertas que vivenciamos a cada novo ciclo. Compreender e reconhecer o passado é fator preponderante para que o sujeito possa se auto identificar. Sobre esse contexto, Hall (2005, p. 88) acrescenta que,

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado.

Tarrow (2009, p. 155), por sua vez, complementa explicando que,

[...] não deveríamos considerar a identidade coletiva como permanente ou impermeável a influência externa. [...] as identidades não são simplesmente feitas a partir do nada, mas respondem às mudanças nas oportunidades e nas restrições políticas, nas necessidades estratégicas e nos materiais culturais disponíveis.

Existindo, assim, uma relação de analogias com a vida cotidiana, é inerente de cada ser humano esse processo de construção, talvez, em razão disso, seja tão complexo para muitos entender de fato como pode ser assimilado com o meio externo algo tão intrínseco do ser humano.

Segundo Leroy (1997), no caso de comunidades étnicas, a afirmação da identidade e da diferença é em geral necessária para que seus membros individualmente e como grupo possam ser reconhecidos. E, nessa mesma proporção, que eles possam interagir com outras comunidades, sabendo de fato que fazem parte de um processo cultural que resultou de muitas resistências e lutas. Segundo Barth (1998, p. 193-194):

[...] uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quanto classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente. Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional [...].

A compreensão acerca da categoria de identidade de uma pessoa negra, não está relacionada exclusivamente à sua cor, mas ao processo de construção desse sujeito enquanto remanescente, sua concepção histórica e social daquilo que faz com que este se reconheça como participante deste espaço social. Prossegue-se, assim, destacando o entendimento de Ferreira (2002, p. 75):

Em função do processo de desvalorização da pessoa negra, os afrodescendentes tendem a introjetar a visão dominante de mundo branco, visto como superior. Em decorrência, tendem a desvalorizar o mundo negro ou assumirem como insignificante para suas vidas o fato de serem afrodescendentes [...].

Deve-se salientar que a caracterização da identidade étnica é um fator inerente as condições de autoidentificação e com os demais membros de uma comunidade. Nós sempre reconhecemos nos outros e, inclina-se ao entendimento no sentido de acreditar que a distância é o elemento fundamental na percepção da igualdade entre os homens (DAMATTA, 1991).

Assim como uma cultura é constituída por uma série de elementos e comportamentos que a diferenciam das demais, ela também permite o reconhecimento da identidade de um povo. Acerca desse entendimento, dialoga-se com Hall (1998, p. 13), que nos explica que:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós, há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo, continuamente, deslocadas. Se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte, é

apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’. A identidade, plenamente, unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos, temporariamente [...].

São os valores atribuídos a esses elementos que o ressignificam no contexto social. O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2001).

Outrossim, referências para esses elementos que servem de inspiração e que denotam sobre o posicionamento de pertença tem na ancestralidade da comunidade negra uma agregação de identificação. Como exemplos de resistência na construção do valor identitário, pode-se citar os elementos da dança, da culinária, da religião, das narrativas orais e outras. Nessa esteira, Abreu (2003, p. 15) elucida que:

O mundo da cultura e das práticas culturais é (e sempre foi) repleto de contradições e conflitos, que podem ser rapidamente observados na sociedade brasileira se lançarmos mão de velhos impasses, como a permissão, ou não, para os escravos batucarem e sambarem, e de novos desafios, como o convívio, ou não, com o funk. Esquecer estes conflitos, ou as interações e tolerâncias que sempre existiram, é perder de vista a possibilidade de compreensão das práticas culturais. Esta é a nossa proposta: pensar nesta perspectiva o mundo da cultura, especialmente entre os setores populares.

Conforme pontuado por Abreu (2003), a representatividade dos elementos culturais de identidade é evidente no tambor de crioula. Esse batuque festivo ainda está presente, por exemplo, em celebrações religiosas, apresentações na escola municipal da comunidade e outras datas festivas. Assim, o tambor de crioula é uma forma de expressão muito presente entre os moradores.

Assim, quando convidados, os grupos de tambor de crioula também se apresentam fora do território local. Essa prática remete à memória da população local, às fugas de escravos durante a época da escravidão. A dança do tambor de crioula era uma estratégia utilizada pelos escravizados, que se aproveitavam da distração dos senhores e opressores brancos para escapar do jugo da escravidão.

A capoeira, assim como o tambor de crioula, revela a importância de atribuir a esses elementos presentes em sua prática um papel de representatividade. Esses elementos fazem parte do processo de resistência da população negra e são fundamentais para a memória coletiva, retratando a história vivenciada por seus antepassados. Trata-se de um modelo de representatividade cultural que nos movimentos do corpo tem uma transcrição e decodificação de uma série de conflitos que foram vivenciados por seus antepassados e que ainda repercutem na atualidade.

Existe um esforço em manter a tradição da prática da capoeira nas comunidades, ao passo que o ritual da roda, característico do esporte, é também uma prática educativa, social e integrativa de valores e resistência, ou seja, é uma forma de sobrevivência. Acerca da prática de resistência da capoeira, o IPHAN (2021, p. 1) advoga que,

A Roda de Capoeira, inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão, em 2008, é um elemento estruturante de uma manifestação cultural, espaço e tempo, e se expressam, simultaneamente, o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e os rituais de herança africana, notadamente, banto, recriados no Brasil. Profundamente ritualizada, a roda de capoeira congrega cantigas e movimentos que expressam uma visão de mundo, uma hierarquia e um código de ética que são compartilhados pelo grupo. Na roda de capoeira, batizam-se os iniciantes, formam-se e se consagram os grandes mestres, transmitem-se e se reiteram práticas e valores afro-brasileiros [...].

A diversidade cultural amplia as possibilidades de escolha que se oferecem a todos; é uma das fontes do desenvolvimento, intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória (PARIS, 2002).

Quilombo Santa Maria dos Pretos, sua história e sua resistência

O Quilombo de Santa Maria dos Pretos é um território que engloba mais 5 povoados: Santa Maria dos Pretos, Piqui, Santa Joana, Morros e Mandioca.

A comunidade quilombola recebeu no ano de 2004, o certificado de autorreconhecimento como comunidade remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares. A comunidade Santa Maria dos Pretos fica localizada a 42 quilômetros de distância do perímetro urbano de Itapecuru-Mirim, no interior do Estado do Maranhão.

A comunidade é rural, com acesso difícil, principalmente no período chuvoso, que as estradas de chão ficam cortadas e a comunidade isolada, possui 607.525,2 hectares titulados em nome da Comunidade Quilombola. E mesmo diante de uma série de descasos com a saúde, educação, cultura e bem-estar da comunidade por parte das políticas públicas voltadas para essas comunidades, elas ainda resistem ao jugo dos fatores modernos. Silva (2016, p. 15) explica que:

A formação do quilombo, às margens do Rio Itapecuru, começou na década de 1830, 50 anos antes da abolição formal da escravatura, quando a fazendeira Maria Rita Gomes Belfort transferiu, em testamento, parte de suas terras e equipamentos aos escravizados e seus descendentes, Ponciano de Souza Gomes, Julião e outros 80 negros.

No entanto, a apropriação de terras de comunidades quilombolas, como a de Santa Maria dos Pretos, não foi uma garantia por parte dos doadores, os primeiros moradores desta terra tiveram que enfrentar fazendeiros e aliados destes. Sobre esse cenário, Silva (2016, p. 10) pontua que,

Várias foram as tentativas de apropriação das terras de Santa Maria dos Pretos por pessoas de fora do quilombo. Uma das primeiras tentativas foi na década de 1930, quando o invasor apresentou documentação que dizia ser ele o dono das terras, e a partir daí muitas áreas foram revendidas, sucessivamente. “Essa questão é velha e eu ouvi desde pequeno, que eu era menino, que essa questão rolava”, afirma o senhor Veríssimo Conceição, nascido em 1916. “Essa história esticaram para negociar com os que têm as coisas, um chega e compra um pedaço, vende para o outro, toma conta, vende para o outro e assim vai passando de mão em mão, mas os donos são os pretos.” [...].



Diante de algumas tentativas de fazendeiros para se apropriarem da terra, houve momentos de muita tensão a ponto da situação de acordo com moradores da região tornou-se violenta, por parte dos donos das terras.

Segundo Silva (2016, p. 19), “Nos dias de hoje, tal como no passado, os quilombolas dizem que seus antepassados receberam as terras como uma compensação pelo uso de sua mão de obra escravizada, não como uma doação ou um ato de bondade da antiga proprietária [...]”. Sobre esse período sombrio, a comunidade tem ainda alguns artefatos que faz com que os remanescentes rememorem o período escravocrata, dentre os quais estão a balança presente na Figura 2:



Figura 2. Balança da época da escravidão

Fonte: Oliveira (2021)

Na Figura 2, o Senhor Patrício, morador da comunidade Santa Maria dos Pretos, mostrou uma balança de mais ou menos 200 anos de existência, de material chumbado, pesando em torno de 30 kg. Esse artefato era utilizado por seus antepassados, escravizados nos serviços de pesagem. Não se sabe ao certo, quais eram esses serviços, porém ele relata que ela é preservada por eles como lembrança de um passado que eles não desejam esquecer, para que as memórias individuais e coletivas estejam presentes no processo de resistência.

Na Figura 3, pode-se observar um forno de cobre, com mais de dois metros de altura e que está na comunidade há pelos menos 150 anos. De acordo com os moradores, o referido artefato é remanescente do período escravização vivenciado pela comunidade, a qual ainda vive sob um sentimento de constante tensão.



Figura 3. Forno de cobre

Fonte: Oliveira (2021)

A comunidade mantém o cultivo e o plantio de produtos, tais como arroz, feijão, milho, macaxeira, mandioca, abóbora, melão, melancia, pepino, batata-doce e banana, dentre outros alimentos que garantem a subsistência das famílias. Porém, a farinha ainda é uma das principais fontes de renda da comunidade, conforme produção ilustrada na Figura 4.



Figura 4. Moradores da comunidade torrando farinha

Fonte: Oliveira (2021)

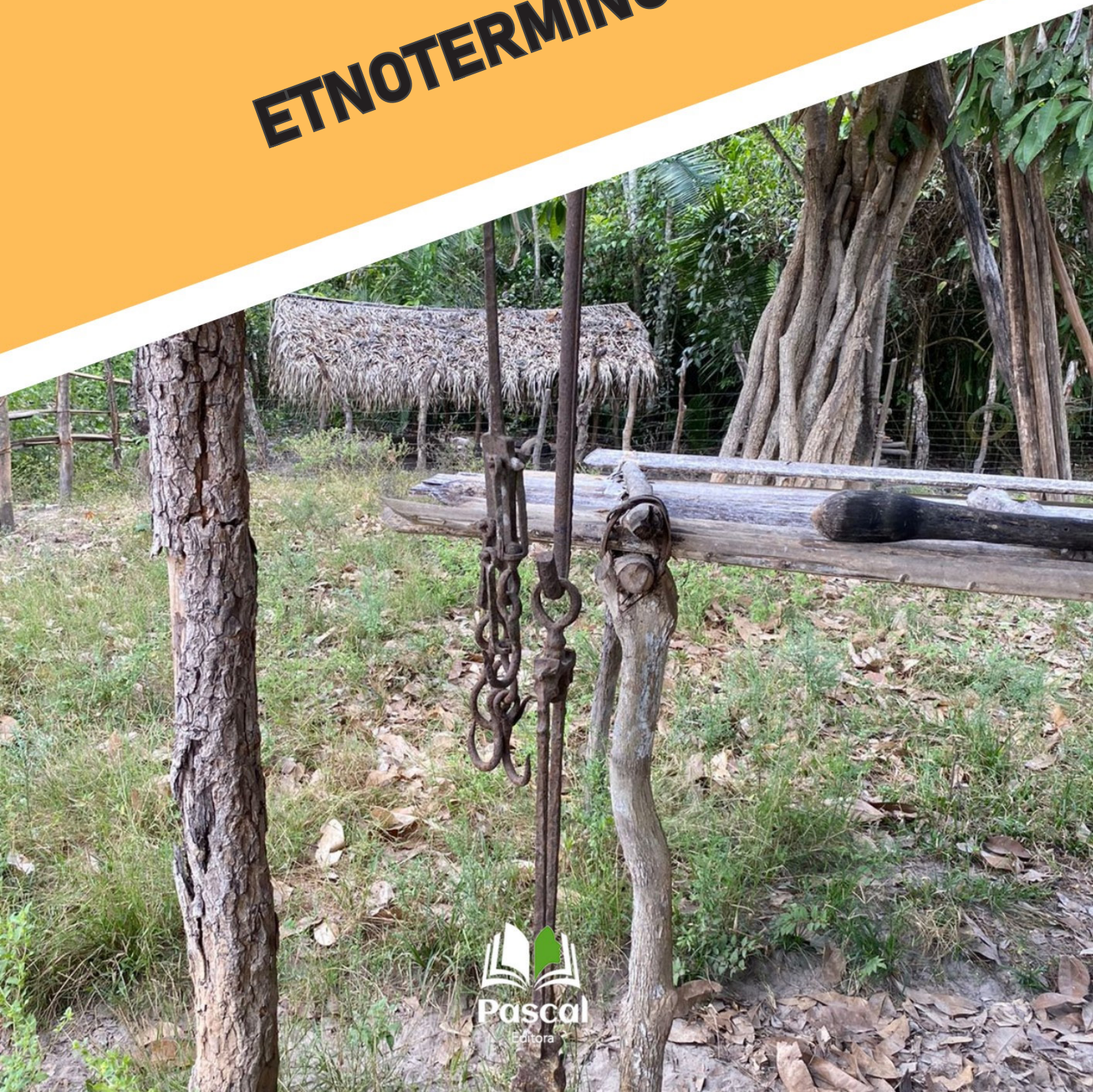
Silva (2016) descreve a realidade das moradias, modos de cultivo de alimentos e demais meios de subsistência e abastecimento das famílias remanescentes que moram na comunidade de Santa Maria dos Pretos, detalhando que:

Nos quintais é bastante comum a presença de árvores frutíferas, como manga, tangerina, laranja, limão, mamão, além de outros plantios menores, como abacaxi, melão, melancia, maxixe e tomate. Criam animais de pequeno porte, como frango, pato, galinha-d'angola, porco e peru. A criação de animais, assim como o plantio nos quintais, é apenas para o consumo da família. As coletas de coco-babaçu e pequi nas matas do quilombo servem de complemento à renda das famílias, pois a maior parte do coletado é comercializada. São as mulheres as principais responsáveis por coletar e quebrar os cocos. Nas matas, também é possível caçar, embora esta não seja uma atividade frequente na atualidade. Quando acontecia, a caça de bichos como o porco espinho, servia para complementar a alimentação e podia ser dividida entre amigos, dependendo do tamanho do animal abatido. (SILVA, 2016, p. 11).

A comunidade também possui manifestações culturais bastante acentuadas, ainda praticadas como parte do processo de ancestralidade, tais como o bumba meu boi, o tambor de crioula, o tambor de mina, a capoeira e outras. As danças estão muito presentes no quilombo, tanto como divertimento quanto como expressão da religiosidade. As festas religiosas costumam começar com ladainhas e missas e, em seguida, acontecem danças do tambor de crioula, do coco e, mais recentemente, o baile, que tem como maior atração o reggae, como bem descrito por Silva (2016).

Após tal incursão na realidade dos remanescentes quilombolas da comunidade de Santa Maria dos Pretos, dá-se prosseguimento abordando a Etnoterminologia na seção seguinte.

ETNOTERMINOLOGIA



Na realidade, observa-se que a língua é uma aquisição do contato com várias outras línguas. Os resultados dessas interações irão variar de acordo com fatores que possam ter colaborado ou sofrido intervenção, podendo ser este, um fato histórico, cultural ou até mesmo regional, mas que contribuem para uma nova aquisição abordagem linguística, seja na escrita ou na fala. Nessa assertiva, Santos (2013, p. 77) explica que,

A Etnoterminologia, por sua vez, constitui uma disciplina científica que se configura como uma subárea da Terminologia, a qual tem como objeto de estudo o signo linguístico circunscrito em um dado universo de discurso etnoliterário, assim, esse signo é analisado como produto do sistema dos saberes produzidos, herdados e compartilhados por um grupo étnico, sociocultural e linguisticamente idiossincrático.

Valendo-se desse entendimento, pontua-se que a Etnoterminologia é uma ciência que tem como pressuposto básico o estudo da linguagem referenciada em um contexto que pode ser analisado através de uma cultura, raça ou até mesmo um grupo social, que vai ocorrer através dos vocábulos-terms. Essa análise vai detalhar de forma contrastiva a tradução de linguagens e discursos, através das expressões utilizadas nas falas e textos literários de determinada comunidade ou região. Latorre (2011, p. 95) afirma que as relações étnicas

[...] são documentadas pela língua e a identidade dessas relações é formada em grandezas sógnicas modalizantes da realidade fenomênica que assegura à exclusividade denominativa seu caráter monorreferencial. Desse modo, ao denominar, o grupo se faz presente, com suas características sociais, suas atividades, valores e objetivos que comunga. São estes os traços que, uma vez mais, atestam a função social constitutiva do signo que, no nosso entender, vai além dos parâmetros das funções e significações do vocábulo da língua geral, penetrando nas funções e significações dos termos das linguagens de especialidades, também, isomorficamente assentados nos limites da Etnoterminologia com a Terminologia.

Essa concepção linguística, que perpetua e estreita relações sociais, se faz necessária, no que tange aos estudos lexicais, com o intuito de traçar um perfil também popularmente conhecido como sendo sociolinguístico-cultural. Sabemos que a língua é cultural, mas que interação com o meio a transforma e modifica sua estrutura. Camacho (2003, p. 995) pontua que:

Baseada no reconhecimento da existência de uma íntima relação entre língua e cultura, tem o propósito de analisar como a cultura condiciona os produtos linguísticos de uma sociedade e como, inversamente, esses produtos refletem a cultura na qual se encontra submersa essa sociedade.

Nesse sentido, a relação entre a língua e a cultura contribui para que a sociedade manifeste suas múltiplas linguagens, contextualizando com todas as formas de comunicação, sejam elas gestuais, escritas ou orais e a relação mútua do processo de língua e sociedade.

Segundo Barbosa (2007), a Etnoterminologia estuda os discursos etnoliterários, como os de literatura oral, literatura popular, literatura de cordel, fábulas, lendas, mitos, folclore e os discursos das linguagens especiais.

A história dos ex-escravizados remete, dentre tantas, a relação existente na língua, que tinham comunidades linguísticas diversificadas. Em detrimento desse fato, é possível observar a influência de línguas como o Kikongo e Kimbundu, por exemplo, que mediarão e incorporaram uma estrutura linguística que ainda temos na atualidade. Acrescenta-se o pensamento de Marcos (2021, p. 5), o qual afirma que:

Não podemos deixar de concordar com eles, sendo que, de alguma forma, os empréstimos dentro da língua portuguesa, variante angolana estão caracterizados por nuances “excêntricas” e próprias. Um exemplo de um empréstimo que muito usamos é a palavra xinguilamento ou xinguilar: vinda do kimbundu, kuxingila, que significa ato de entrar em transe; ritual tradicional. Nesse caso em particular, o empréstimo representa um verbo, que passou para a língua portuguesa também como verbo (xinguilar) e ganhou outra forma como substantivo ou nome (xingulamento). Por outro lado, devemos poder diferenciar os empréstimos dos neologismos, que são palavras novas acrescentadas a uma língua.

Este exemplo de empréstimo linguístico usado no português de Angola é a referência para a compreensão do que a Etnoterminologia trabalha no universo linguístico. Pretende-se compreender essas relações de fusão, incorporação e adaptação, para aquilo que temos na atualidade que é esta diversidade linguística tão presente na oralidade e escrita do português no Brasil, principalmente nas comunidades de pesquisa deste trabalho. Acerca do fundo conceitual da Etnoterminologia, Latorre (2011, p. 72) explica que ela está:

[...] intimamente associada ao sentido de etnia e etnicidade/etnismo na formação social e cultural de um grupo, e às interferências históricas e geográficas que subordinam o processo de conceptualização dos seus sujeitos. Suas formas para denominar portam valor documental, fruto do contato com a realidade e visão de mundo, da axiologia que permeia suas relações. Enquanto veículo da herança da cultura popular, amalhada ao longo do tempo, refletem valores, usos, costumes, crenças, hábitos de caráter fundamental, porém abstratos, e modulam a maneira de pensar, sentir e viver de um grupo.

Vocábulo-termo

Através da análise de unidades lexicais presentes no português brasileiro, é possível realizar um estudo sobre a originalidade dessas palavras, abordando sua significação e compreendendo a razão pela qual os termos utilizados por esses moradores fazem parte do nosso cotidiano com significados e traduções diferentes daquelas encontradas no dicionário português. Segundo Santos (2021), no caso específico do discurso etnoliterário, o vocábulo-termo é a unidade mínima de significação do discurso etnoliterário, por conseguinte, unidade mínima de análise da Etnoterminologia.

Segundo Barbosa (2007, p. 435-436 *apud* SANTOS, 2021, p. 80), a dinâmica dos movimentos entre vocábulo e termo é decorrente da relação existente entre os universos de discurso, mais especificamente, dos mecanismos de transcodificação entre textos técnico-científicos e não científicos.

Desse modo, tem-se a função linguística do vocábulo com sua significação literal, na íntegra, daquilo que de fato se diz, assim também, como temos o termo, este por sua vez, com sua função específica e variável de acordo com sua colocação no enunciado. Segundo

Barbosa (2007, p. 435-436 *apud* SANTOS, 2021, p. 80):

Esses mecanismos consistem nos processos de *vocabularização* – processo de transformação de um termo em vocábulo; de *metaterminologização* – processo de transposição do termo de uma área de especialidade para outra com a manutenção, ou não, de um núcleo sêmico comum a essas diferentes áreas; e de *terminologização* – processo de transformação de um vocábulo em termo ou de estabelecimento de relações entre o nível conceptual e o metalinguístico.

Elaborando uma analogia, pode-se definir o léxico como um dicionário interno, embora sejam distintos na sua integralidade. Igualmente, são originadas com um fator de necessidade de incorporação, podendo ser por meio de uma mudança categorial, ou seja, quando se modifica uma palavra que pertence a uma classe gramatical para outra, daí surge um novo vocábulo.

Esse vocábulo, também, pode surgir como sendo uma expressão valorativa, ou seja, a forma como é atribuído valores a uma palavra, podendo ser de forma descontextualizada do seu sentido literal, e que acaba mudando o sentido deste enunciado. Assim como pode ocorrer um juízo de valor a esses termos, de acordo com a interpretação da comunidade local como necessidade de rotulação, atribuindo nomenclatura diversas a algo que já tem um nome científico.

Formação esporádica é uma nomenclatura que foi criada, é algo novo que necessita ser institucionalizado para que seja utilizado pela comunidade linguística. Acerca disso, Lenharo (2017, p. 8) pontua que:

No português, as palavras não monossilábicas tendem a ser paroxítonas, embora também existam as oxítonas e, em menor escala, as proparoxítonas. Esses acentos do português são para Câmara Júnior (1970) uma marca nítida do vocábulo. Segundo ele, o acento do português é, além de delimitativo, distintivo, pois permite a distinção entre hábil idade e habilidade e entre sábia, sabia e sabiá, por exemplo. Como esses acentos se mantêm proeminentes dentro da entonação frasal, são muito importantes no processo de identificação das unidades léxicas. Entretanto, as fronteiras vocabulares podem não coincidir com os limites de um grupo fônico e as pausas podem resultar de fatores subjetivos relacionados ao discurso.

Baseando-se, ainda em Lenharo (2017), afirma-se que vocábulo se refere ao discurso, ou seja, à fala, ao uso da língua pelos indivíduos.

Etnolinguística das Línguas afro-brasileiras

A diversidade linguística no Brasil traz particularidades quanto a influência de outras línguas para a formação do português brasileiro. A intensa miscigenação que ocorreu entre os séculos XVI e XIX resultaram em uma nova forma de falar o português brasileiro.

Os falantes do português e os indivíduos escravizados trazidos da África formaram uma junção que resultou em uma interação linguística. O modo de falar mudou e novas palavras foram incorporadas, como por exemplo, as palavras “caçula, dengo, cafuné, samba, bagunça, cochilar e zangar”. Mudou, também, a pronúncia em muitas regiões do país.

Por exemplo, os ditongos “**ei** e **ou**”, que passaram a ser pronunciados como “ê e ô”. Na palavra “LOUCO” é possível analisar este fenômeno, que passa a ser pronunciado como “LÔCO”, em algumas regiões. Esta e outras influências linguísticas é possível observar em detrimento da raiz da família linguística que pertenciam os escravizados.

Segundo Ndombele (2022), a Língua Portuguesa, considerando o seu estatuto, tem sofrido uma influência muito forte do Kimbundu. Em consequência, a língua portuguesa incorpora no seu léxico muitas palavras provenientes de Kimbundu e kikongo.

A oralidade é a marca de maior influência, e isso é atribuído ao fato de a escrita não ser dominada pela grande maioria dos escravizados no período da escravidão. O Brasil é considerado um país multilíngue, pessoas que falam mais de uma língua. em uma diversidade bem ampla e extensa, e por isso é possível entender essa etnolinguística presentes nas comunidades quilombolas. Segundo Santos (2013, p. 10),

Convém destacarmos que, nas últimas décadas, especificamente no âmbito dos estudos linguísticos brasileiros, as pesquisas realizadas sobre comunidades quilombolas as têm concebido como verdadeiros sítios arqueológicos fomentadores de investigações sobre as influências africanas na constituição dos processos sócio- históricos e culturais de formação da sociedade brasileira e, principalmente, de investigações sobre as influências de línguas africanas na constituição da norma popular do Português Brasileiro, grande parte das quais objetiva defender a tese de que os processos de variação e de mudança linguísticas caracterizadores dessa norma teriam se originado em função do contato de línguas e em situações de transmissão linguística irregular.

Morello (2012) ressalta que o pedido de abertura de um livro de registro específico para as línguas, individualizadas e diversas, deram voz a muitas comunidades linguísticas invisibilizadas na história de constituição da nação brasileira e, ao mesmo tempo, trouxe respostas a demandas já colocadas pelo IPHAN, para o reconhecimento do patrimônio cultural ligado a determinadas línguas.

A autora aponta, ainda, as seguintes categorias histórico-sociológicas determinadas para o inventário das línguas brasileiras: a) indígenas; b) de imigração; c) de comunidades afro-brasileiras; d) de sinais; e) crioulas; e f) língua portuguesa e suas variações dialetais (MORELLO, 2012).

É possível salientar que essa pluralidade linguística existente no país, também é considerada uma forma de resistência, em uma sociedade que as línguas negras e indígenas foram duramente combatidas por séculos. Segundo Rodrigues (1985, p. 42),

Numa sociedade dividida em castas, em raças, classes, mesmo quando é evidente o processo de unificação da língua, especialmente num continente como o Brasil, onde durante três séculos combateram várias línguas indígenas e negras contra uma branca, não havia nem paz cultural, nem paz lingüística. [...]. O processo cultural que impôs uma língua vitoriosa sobre as outras não foi assim tão pacífico, nem tão fácil. Custou esforços inauditos, custou sangue de rebelados, custou suicídios, custou vidas [...].

Ainda assim, a diversidade linguística conseguiu sobreviver de forma velada, mas é possível entender que nosso português que aqui é falado e escrito, a predominância lexical de termos advindos da família linguística da África é perceptível em muitos vocábulos que podemos destacar também como empréstimos lexicais. Molina (2010, p. 3) pontua que:

Os empréstimos lexicais podem ocorrer por diferentes razões, como a necessidade de um vocábulo para designar algo novo dentro da cultura que o está recebendo” ou por uma mera questão de influência na qual o empréstimo de uma língua a outra se dá mesmo já havendo o vocábulo correspondente na língua de destino [...].

As palavras de origem africana que usamos no cotidiano tiveram sua raiz nos deslocamentos já mencionados. De acordo com Santos (2013), alguns estudos linguísticos comprovaram a permanência no Brasil de elementos originários principalmente das línguas quicongo, quimbundo e umbundo. Isso atesta, de certa forma, a presença predominante, em território brasileiro, dos povos bantos provenientes do Congo e de Angola, onde essas línguas são faladas. Acerca disso, Tavares (2019, p. 6) acrescenta, destacando que,

Os africanos trouxeram consigo a religião, a cultura, e claro trouxeram a língua e o dialeto que falavam. Os principais grupos vitimados pelo tráfico negro foram os bantus e sudaneses. A palavra Bantu significa homens, seres humanos, junção de vários povos que ficavam localizados na África ao sul do deserto do Saara que estão representadas por povos que falam entre 700 a duas mil línguas e dialetos aparentados, as línguas faladas hoje são por ordem de antiguidade bochiman, bantu, e o português, mas que os dialetos bantus existentes têm semelhanças linguística, em que apresenta uma unidade genealógica que estão divididos em nove grupos étnico linguístico :Quicongo, Quimbundo, Luanda Quioco(tcôkwe), Mbundo, Ganguela, Nhaneca-Humbe, Ambó, Herero e Xindonga.

Dentre essas incorporações advindas da língua africana, podemos citar algumas palavras, tais como corcunda, dendê, xingar, moringa, molambo, cachaça, bunda, maribombo e outras. Aqui podemos descrever o significado de acordo com o dicionário e o sentido e origem da palavra:

- Bunda: As nádegas; bumbum, buzanfã, pé de rabo, rabiosque, rabioste, rabiote, rabo, traseiro (FERREIRA, 2004);
- Bunda: etimologia Kimbundu, conhecido como Umbundu, M'bundo, Quimbundo, Ovimbundu, South Mbundu, Nano, Mbali, Mbari e Mbundu Benguella;
- Xingar: insultos ou palavras ofensivas; ofender, insultar (FERREIRA, 2004).
- Xingar: Kimbundu, conhecido como Umbundu, M'bundo, Quimbundo, Ovimbundu, South Mbundu, Nano, Mbali, Mbari e Mbundu Benguella.

Durante os séculos XVIII e XIX, o estado do Maranhão recebeu um vertiginoso tráfico de negros, para mão-de-obra escravizada. Essa população sempre aumentando, pois era neste estado que eram registrados como sendo um dos que mais importaram este trabalho escravo. Segundo Santos Neto (2004, p. 31),

[...] durante 200 anos, foi um dos Estados brasileiros que mais importaram negros africanos para o trabalho escravo. O Maranhão que, ao longo do período colonial, possuía uma população majoritariamente negra, empenhada em serviços domésticos e nas plantações de algodão, cana-de-açúcar e arroz. O Maranhão que, com a incrementação da lavoura através da mão-de-obra negra, tornou-se um dos mais importantes centros econômicos do Brasil, nos séculos XVIII e XIX. O Maranhão que, ainda hoje, possui uma das mais numerosas populações negras do país.

A marcante presença do léxico africano era também, de acordo com Tavares (2019), via de regra, ao domínio da fonética, a introdução de vogais em meio a encontros consonantais e a transformação de esdrúxulas em paroxítonas foram provocadas pelos falantes do quimbundo – idioma desprovido de proparoxítonas e de consoantes agrupadas.

A etnolinguística analisa a relação entre língua, cultura e identidade, desempenha um papel crucial nesse contexto. Ela reconhece que a língua é um elemento fundamental na constituição da identidade individual e coletiva de um grupo, bem como na preservação e transmissão de sua cultura. Assim, a etnolinguística busca compreender e valorizar as línguas e culturas tradicionais, entendendo-as como patrimônio imaterial essencial a ser preservado.

As políticas afirmativas, por sua vez, conjugam ações governamentais que visam promover a igualdade e combater as desigualdades sociais, em especial aquelas ligadas à raça, etnia, gênero e classe social. No estado do Maranhão, as políticas afirmativas têm sido implementadas com o objetivo de ampliar a inclusão social e cultural de grupos historicamente marginalizados, como indígenas, quilombolas e povos tradicionais, nessas políticas, a etnolinguística desempenha um papel crucial ao destacar a necessidade de reconhecimento e valorização das línguas e culturas dessas comunidades, como forma de garantir seus direitos e promover a inclusão. Sueli Carneiro discute na sua obra, *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil* (2003) as interseções de raça e gênero na sociedade brasileira, destacando a importância da resistência política para enfrentar o racismo e o sexismo. Segundo Carneiro (2003) o racismo atua sobre o mito da inferioridade do negro, criando situações de discriminação e de exclusão.

De acordo com Munanga (1999), o importante é reconhecer que a mestiçagem não resolve o racismo, pois a construção de uma identidade nacional mestiça não implica automaticamente na superação das desigualdades raciais. Políticas afirmativas são fundamentais para reverter as estruturas de racismo arraigadas na sociedade brasileira.

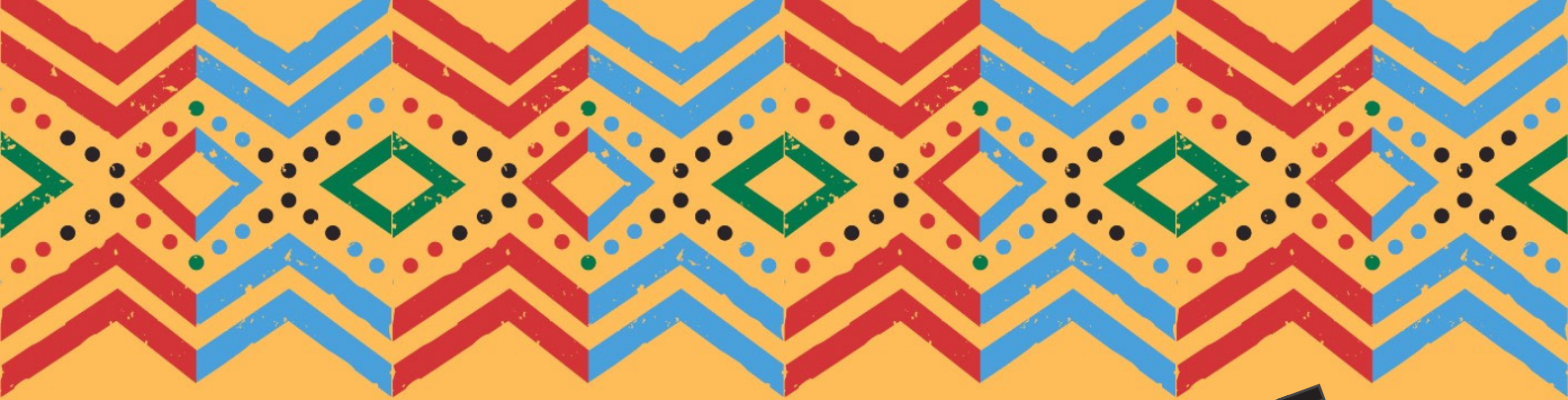
A relação entre etnolinguística e políticas afirmativas tem se tornado cada vez mais relevante no contexto do estado do Maranhão que apresenta uma diversidade cultural e linguística singular, abrigando comunidades indígenas, quilombolas e povos tradicionais com suas respectivas línguas e culturas. Diante disso, as políticas afirmativas têm sido implementadas como instrumentos para promover a inclusão social e valorizar essas diferentes identidades, a exemplo de uma política afirmativa a ser citada tem-se na Universidade Estadual do Maranhão- UEMA, com o Programa de Formação Docente para a Diversidade Étnica do Maranhão – PROETNOS, que oferece o curso de Licenciatura em

Educação Quilombola, em dois municípios do estado, São Bento e Itapecuru Mirim. Com o objetivo de formar professores oriundos das próprias comunidades quilombolas, para que estes possam atender a demanda da educação básica de seu povo, transmitindo saberes direcionados para diversidade e historicidade dos povos tradicionais. A relação entre a etnolinguística e as políticas afirmativas no estado do Maranhão é evidente quando consideramos a valorização das línguas e culturas tradicionais como uma forma de promoção da diversidade e do respeito às identidades. A preservação e revitalização das línguas indígenas e crioulas, por exemplo, estão entre as principais demandas dos movimentos sociais organizados por esses grupos. Ao valorizar as línguas e culturas tradicionais, essas políticas contribuem para a promoção da diversidade, respeito às identidades e desconstrução das desigualdades sociais. Bourdieu (1996), argumenta que a língua está intrinsecamente ligada ao poder e à reprodução das desigualdades sociais. Segundo ele, o domínio de uma língua considerada padrão confere capital linguístico, ou seja, dá acesso a

oportunidades sociais e profissionais privilegiadas. Nesse sentido, as políticas afirmativas que promovem a valorização das línguas e culturas tradicionais contribuem para a desconstrução dessas desigualdades.

Hall (2003), por sua vez, defende que a identidade cultural é construída através das práticas discursivas e das representações simbólicas. Ele argumenta que, ao negligenciar as línguas e culturas tradicionais, a sociedade perpetua discursos de inferiorização e expropriação desses grupos. Dessa forma, as políticas afirmativas que buscam reverter essa situação contribuem para a promoção da inclusão e respeito às identidades culturais.

Foucault (1996), em sua análise do poder, argumenta que as práticas discursivas têm o poder de controlar e moldar as formas de conhecimento em uma sociedade. A marginalização das línguas e culturas tradicionais pode ser entendida como uma estratégia de exercício de poder, que visa manter as estruturas de dominação vigentes. Assim, as políticas afirmativas que buscam reverter essa situação são vistas como instrumentos de resistência e de promoção da diversidade cultural.



APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS CONTOS



ENTREVISTADO 01 - PERGUNTAS E RESPOSTAS

1. Nome: João Correa dos Santos

2. Idade: 73 anos

3. Local de nascimento: Santa Joana, território de Santa Maria dos pretos

4. Sexo: (X) M () F

5. Estado civil: Casado

6. Religião: Católico

7. Cor: negro (X) preto () branco () pardo () outra ()

8. Fale um pouco sobre a história da comunidade.

9. João Correa: Nasceu e cresceu na comunidade Santa Maria dos pretos, e na infância teve muita fartura, foi muito boa, alcançou muita coisa boa, muita criação de galinha, porco, plantio de mandioca, feijão e agricultura. Foi muito boa

10. O que o senhor (a) sabe sobre a história da comunidade?

João Correa: Lembra do processo de luta, e como foi difícil para ser registrada, a formação de acordo com o que ele lembra da infância foi muito resistência.

A comunidade é formada por outros povoados que se juntaram, para que pudessem ter direito a terra. Ele reconhece que os antepassados não sabiam dos seus direitos e por isso sofreram muito, por não terem conhecimento.

11. Qual o seu entendimento a respeito do que seja RESISTÊNCIA?

João Correa: Entende como uma pessoa que mora na comunidade, mas mesmo com as adversidades, não deixam de morar e trabalhar na comunidade.

Nesse sentido ele fala sobre moradores que mesmo sem empregos e com as dificuldades na agricultura, mesmo sem condições de saneamento ou estruturas de moradias, pois as casas são de taipa, e no inverno geralmente elas sofrem com os alagamentos.

12. Tem algum conto que você lembre sobre a história da comunidade, ou outro fato interessante?

Obs.: Neste momento deve-se explicar o que é um conto, o que de fato a pesquisadora quer saber sobre a narrativa. Aqui a escrita será na íntegra pela autora desta pesquisa, com utilização da acentuação para marcar a pausa na fala do entrevistado.

“O gritador” (CONTO 01)

João Correa:

Isso há uns 50 e 60 anos atrás aconteceu, isso é uma coisa verdadeira, nois tinha até medo de sair de casa, nos caminhos, porque tinha um gritador.

Esse gritador, ele gritava longe da gente, uma distância como se fosse 5 braças, seis braças e ele passava pela gente e tu não via.

Isso coisa verídica, coisa séria!

A gente só ouvia os gritos, que assombrava, ficava naquela situação.

Eu conversando com um cidadão na casa da mandioca, ele contou que tinha um velho chamado, Martinho gago, que morava no sítio do meio, terra de escravos, foi cortar arroz e tava vigiando a roça. Quando deu umas horas da noite, ele se espantou foi com o grito do gritador. Ele viu o cara com os pés agarrados na goela e a cabeça para baixo, com um cachorro correndo atrás dele, e o cachorro de vez em quando dava uma mordida nele. Por isso que ele gritava.

Minha filha, lhe falo como essa rosa que tá nos iluminando, eu ouvi com um companheiro meu, chamado Pedro gago, ainda na adolescência os gritos do gritador, a gente tava indo para um tambor de macumba, debaixo de um pequeno chuveiro.

Aí o Pedro disse:

João e agora?

– Eu disse: agora que a gente vai é correr mesmo, saímos correndo peguemos a Inspingarda e ele o tamburête.

Chegamos na casa e demos uma chanfanhada. Existiu esse gritador que eu ouvi os gritos.

ENTREVISTADO 02 - PERGUNTAS E RESPOSTAS

1. Nome: Antônio Oliveira

2. Idade: 81 anos

3. Local de nascimento: Santa Joana, território de Santa Maria dos pretos

4. Sexo: (X) M () F

5. Estado civil: Viúvo

6. Religião: Católico

7. Cor: negro (X) preto () branco () pardo () outra ()

8. Fale um pouco sobre a história da comunidade.

Antônio: a comunidade é formada por outros povoados, hoje em dia existem separação, mas este território aqui era tudo unido. Muito conhecido no município de Itapeturu-Mirim, daqui saía a farinha, o feijão, mandioca, o quiabo, o maxixe, o azeite de coco, que era vendido na cidade.

O povo daqui já lutou muito e sofreu muito, já teve brigas, mortes, para que hoje tivesse paz.

9. Qual o seu entendimento a respeito do que seja RESISTÊNCIA?

Antônio: Resistência é sobre não sair daqui do povoado, não desistir, continuar plantando, fazendo a farinha, ensinando os mais jovens a sobreviverem.

10. Tem algum conto que você lembre sobre a história da comunidade, ou outro fato interessante?

Obs.: Neste momento deve-se explicar o que é um conto, o que de fato a pesquisadora quer saber sobre a narrativa.



“A reza” (CONTO 02)

Antônio: os mais velhos contam que quando as crianças nascem, elas são abençoadas pelo santo dos escravos, para que elas nunca vivam presas, como nossos antepassados. Então para isso, deve ser feito uma reza na cabeça delas, a reza dizia assim:

Tu nasce agora e vai nascer toda vez que lembrar do teu povo, **a enxada, a paulada, a chicotada** nunca vai fazer parte da tua vida. Tu vai crescer fechado e será assim como o **camaleão, rapina e o mocho**. Cheio de luz.

Essa tradição dos mais velhos passou para os mais novos, hoje poucos ainda nascem aqui, tem as parteiras, dona Maria, Benedita e outras. Mas os meninos tudo nasce no hospital da cidade de Itapecuru Mirim. Essa reza e outros rituais que ainda existiram por muitos anos, deixaram mais de existir. Mas quem ainda mantém a tradição, reza para que as crianças cresçam sob proteção, e com a força para a labuta e para viver muitos anos com saúde.

Eu sempre fiz isso com meus netos e tão tudo bem, cheios de saúde, vivendo aqui e na cidade grande.

ENTREVISTADO 03 - PERGUNTAS E RESPOSTAS

1. Nome: Maria Ferreira dos Santos

2. Idade: 55 anos

3. Local de nascimento: Santa Maria dos pretos

4. Sexo: () M (X) F

5. Estado civil: Casada

6. Religião: Católica

7. Cor: negro (X) preto () branco () pardo () outra ()

8. Fale um pouco sobre a história da comunidade.

Maria: Eu nasci e me criei nestas terras, aqui as famílias trabalham na lavoura, e tem outras que trabalham na cidade, a comunidade tem danças de coco, tambor de crioula, casa de farinha, escola do município e do estado, nossas crianças e jovens estudam aqui mesmo.

O que sei é que aqui era o local para onde vinha os escravos fugidos e já teve muita briga por causa dessa terra. Nossos filhos hoje podem estudar, trabalhar ter suas coisas, hoje em dia tudo é mais fácil. Mas eles não valorizam tanto como a gente. Eu gosto muito de morar aqui.

9. Qual o seu entendimento a respeito do que seja RESISTÊNCIA?

Maria: Não sei lhe dizer, mas acho que é viver até hoje.

10. Tem algum conto que você lembre sobre a história da comunidade, ou outro fato interessante?

Obs.: Neste momento deve-se explicar o que é um conto, o que de fato a pesquisadora quer saber sobre a narrativa.

“A mulher que chorava na madrugada” - (CONTO 03)

Quando a primeira família veio morar aqui, não se sabe a data exata, mas não tinha nenhuma casa. Era apenas uma mulher com seus filhos e o marido, tinha cinco filhos e tava grávida. O local mais perto para ela ter filho, ficava na cidade de Santa Rita, a ida era somente de égua, era muito fechado a mata e difícil de chegar lá. Demorava cinco dias para chegar na cidade. Eles viviam da pesca, das plantações da roça, de pesca e de caça, nesse tempo tinha muita cutia, tatu, e outros bichos do mato.

Como o marido viajava uma vez no mês, ou as vezes de três em três meses para trocar arroz, milho e farinha por medicamento, e produtos que não tinham aqui.

Numa dessas viagens, ela ficou com as crianças, como sempre ficava, só que ela sentiu dor muito antes da hora do menino nascer, ela gritava de dor e sem ninguém para ajudar, a não ser as crianças.

Ela acabou morrendo e a criança ficou viva. Ninguém sabe como isso aconteceu, os meninos não souberam contar direito. Quando o marido dela chegou, achou ainda viva a criança, mas não se sabe do paradeiro do corpo da mãe.

E ninguém nunca soube, ninguém sabe se foi algum bicho que sumiu com o corpo dela, se foi a mãe d'água, ou a capinanta. Depois disso toda lua cheia nas madrugadas é possível ouvir o choro dessa mulher, dizem que ela ficou perdida, vagando por essas matas e querendo os filhos, e a família de volta.

Até hoje, na lua cheia a gente consegue ouvir o murmúrio, os gritos de desespero, a dor dessa mãe, nós que somos mães, sentimos essa dor também.

A tristeza que isso causa nas mães é a mesma que temos ao imaginar que pode acontecer novamente, esse medo sempre existiu, por essa razão todas as mulheres grávidas quando estão perto de parir, não costumam ficar sozinhas, existe um cuidado muito grande com as grávidas das nossas terras.

Existe uma mãe perdida nessas matas até os dias de hoje, os umbragais e bichos do mato podem está com ela até hoje, por isso ela ainda vaga.

ENTREVISTADO 04 - PERGUNTAS E RESPOSTAS

1. Nome: Patrício Ferreira

2. Idade: 86 anos

3. Local de nascimento: Pequi, povoado de Santa Maria dos pretos

4. Sexo: (X) M () F

5. Estado civil: Casado

6. Religião: Católico

7. Cor: negro (X) preto () branco () pardo () outra ()

8. Fale um pouco sobre a história da comunidade.

Patrício: esse povoado já teve mais moradores, antigamente em 1986 ainda brigava por essa terra, os donos da fazenda vendia os gados para pagar os advogados. A gente sempre tem uma pessoa que ajuda a gente, tem um amigo nosso “zezinho machado”, que nunca se elegeu e “Justo” do sindicato que lutou pela gente.



Aqui a gente tem uma balança deixada pelos escravos, um forno de mais dois metros de altura de cobre que torrava farinha.

Quem ajudou muito a comunidade da formação foi “José Lauande”.

Um dia vieram matar a gente, juntamos uns trinta homens, no ano de dois mil.

Foi muita luta para a gente tá morando aqui hoje, sem falar que muita gente já morreu, tinha uma febre que matou muita gente. O pessoal já preparava a farinha seca, para a gente esperar esse momento.

9. Qual o seu entendimento a respeito do que seja RESISTÊNCIA?

Patrício: lutando todo dia, não sei, como assim?

10. Tem algum conto que você lembre sobre a história da comunidade, ou outro fato interessante?

Obs.: Neste momento deve-se explicar o que é um conto, o que de fato a pesquisadora quer saber sobre a narrativa.

“A riga da febre que matava os pretos” - (CONTO 04)

Moça sempre foi uma patacoada, mas também era muito tristeza, tinha família que morria vários de uma vez só, todos os anos nos meses de janeiro até março, aparecia nos mais novos e principalmente nos mais velhos, era uma febre riga que atacava as pessoas.

Era uma febre que deixava de cama, sem comer, só vomitando e dor no corpo, podia só esperar a hora, ficava todo mundo já pensando quem seria o próximo.

Dava medo em todo mundo, porque nem sempre os remédios do mato dava jeito, a pessoa morria em menos de semana.

Não se sabe de onde vinha, o que era a causa, se era castigo, ficava todo mundo achando que era os deuses que faziam as escolhas, isso desde a época da escravidão. E era escolhido os mais velhos que já tinham vivido muito e os mais novos que era para trabalhar no outro plano.

Por causa dessa febre que a comunidade perdeu muitos pretos, depois de muitas perdas, a equipe da saúde começou a usar inseticida por muito tempo.

Todos os anos tinha a época de passarem por aqui com a fumaça, era uma equipe que salvou muitos.

E as mortes foram diminuindo, mas ainda tem todo ano essa febre, ela chega principalmente nos mais velhos e nos mais novos, mas quem morre mesmo é os velhos. Isso é ruim, porque tem muitos saberes que só os mais velhos sabem, esse muleques de hoje, não aprendem do mesmo jeito, não acreditam, deve ter fé para nossas crenças.

Os mais novos hoje em dia, não querem nem dançar as nossas danças, usar as plantas, acreditar na natureza. Assim que começou a ter moradores nessas arredondezas, esse era o hospital, no quintal das casas, tinha o que precisava. Quando não resolvia era porque era chegada a hora de encontrar nossos antepassados.

ENTREVISTADO 05 - PERGUNTAS E RESPOSTAS

1. Nome: Maria Patrícia Ferreira

2. Idade: 70 anos

3. Local de nascimento: Povoado de Santa Maria dos pretos

4. Sexo: () M (X) F

5. Estado civil: Viúva

6. Religião: Protestante

7. Cor: negro (X) preto () branco () pardo () outra ()

8. Fale um pouco sobre a história da comunidade.

Maria: Nasci e me criei por essas redondezas, antigamente era mais farto de tudo, tinha criação de bichos que alimentava as pessoas aqui, e vivíamos da agricultura. O povo era muito unido, todo mundo ajudava uns aos outros. Tinha muitas comemorações, festejos e união. Sempre teve muita luta, gente trabalhadora e as crianças sempre respeitou os mais velhos.

9. Qual o seu entendimento a respeito do que seja RESISTÊNCIA?

Maria: É ter noção da sua importância.

10. Tem algum conto que você lembre sobre a história da comunidade, ou outro fato interessante?

Obs.: Neste momento deve-se explicar o que é um conto, o que de fato a pesquisadora quer saber sobre a narrativa.

“Dos passos que assombra na madrugada” - (CONTO 05)

Desde criança que fui criada nos costumes da comunidade e nas tradições que os meus pais me levavam, eu ia para o terreiro, dançava, praticava os rituais e amanhecia muitas das vezes. Mas aqui as pessoas sempre tiveram também muitos assombros, principalmente nas madrugadas, eu mesma não dormia direito sempre ouvindo as caminhadas, os passos, como se tivesse uma pessoa perambulando e arrastando alguma coisa e era isso que assustava muita gente.

Depois que a gente ouvia esses passos, todo mundo ficava quieto e minha mãe sempre dizia que as crianças que eram atentadas, que essa pessoa veio buscar essas crianças. Por isso na minha casa todos nós obedecia aos nossos pais, não queria me separar deles. Os mais velhos falavam também que a pessoa que arrastava os pés e fazia barulho era uma pessoa que estava presa neste mundo por causa de seus pecados. E assim que a gente aprendeu a não querer fazer o mal para os outros. Tinha as brigas, mas no final todo mundo sempre se entendeu.



Relações léxico-semânticas

Antes da apresentação dos contos e análise de alguns termos presentes nestas narrativas, Segundo Pêcheux, [...] a produção de sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrásica que a família parafrásica destas sequências constitui o que se poderia chamar “matriz do sentido”.. (1993, p. 169).

Seguindo tem-se os contos:

“O gritador” (CONTO 01)

O conto, embora faça parte de uma lenda muito conhecida no Brasil, tem uma rememoração bem diferente, as características provenientes de um conto, com aspectos relacionados a fatores da própria comunidade.

Seu João afirmou que ouviu os gritos, que sabia que existia uma relação análoga de sofrimento ao que vivenciaram no passado. A noção de perseguição permanece no senso coletivo dos moradores, outrora a perseguição que seus antepassados sofreram.

Alguns termos linguísticos, tais como um dos últimos termos que ele citou no conto, “**chanfanhada**”, ao ser indagado sobre o seu significado, ele cita que é o mesmo que abraço, aperto de mão. No entanto, não foi possível encontrar tão significado no dicionário português.

No entanto lembra o significado do termo “**chamego**”², remetendo ao fato de que ambos os termos, na região da qual esta pesquisa foi realizada possuem o mesmo significado. considera o de acordo com o Dicionário Online de Português (2023), o termo pode ser entendido da seguinte maneira:

Chamego.

Substantivo Masculino

Demonstração de afeto e de afeição por alguém; amizade. Apego por alguma coisa; afeição. Carícia íntima que antecede uma relação sexual. Relação afetiva; namoro. Estado excessivo de paixão; atração sexual intensa. Atração ou interesse sexual demonstrado por alguém.

Etimologia (origem da palavra **chamego**). A palavra chamego tem sua origem questionável; não é possível confirmar com toda a certeza a origem desta palavra.

O sentido do título que o próprio morador atribui a este conto denota uma analogia à necessidade que eles sempre tiveram de expressar seus sentimentos. É como se o grito fosse a realidade de poder mostrar como em muitos momentos de suas vidas estiveram insatisfeitos e infelizes com o passado vivenciado por seus ancestrais e até o presente vividos por esta comunidade, que ainda necessitam de um “reparo social, econômico, cultural”, para que possam então, sentir o pertencimento que é deles por direito.

“**Tamburete**”³ é um dos vocábulos-termo que será realizado análise semântico-conceptuais.

“A reza” – (CONTO 02)

Este segundo conto é uma analogia referente as crenças, rituais religiosos desta comunidade e seus ancestrais. O morador ressalta com orgulho sobre esta prática e a importância disto para a sua historicidade e para representação cultural e social.

Segundo Santos (2010), compreender os fundamentos das religiões de matrizes afri-

canas como códigos socioculturais e educativos, referentes a outra forma de sociabilidade, pode ser um dos caminhos para afastar as atitudes como indiferença, a intolerância e o preconceito.

Existe uma metáfora implícita quando o entrevistado narra que as crianças ao nascerem são protegidas com uma reza, em menção ao “santo protetor” dos escravos, uma confiança atribuída a quem eles consideram protetores de seus lares, por cuidarem de seus antepassados e protegerem os moradores, ou seja, uma forma de resistir e permanecer viva a história de seu povo. Segundo Domingos (2017, p. 201),

A religiosidade Africana não é uma simples coerência da fé com os fatos, da razão com a tradição, ou o pensamento com a realidade contingente. Trata-se de uma coerência, uma compatibilidade e complementaridade global de todas as disciplinas, todos os domínios de saber e conhecimento são integrados.

TRECHO DO CONTO 02: Tu nasce agora e vai nascer toda vez que lembrar do teu povo, **a enxada**⁴, **a paulada**⁵, **a chicotada**⁶ nunca vai fazer parte da tua vida. Tu vai crescer fechado e será assim como o **camaleão**⁷, **rapina**⁸ e o **mocho**⁹. Cheio de luz.

Segundo o Dicionário Online de Português (2023), podem ser compreendidos da seguinte maneira, as palavras:

1. Enxada:

Substantivo feminino

Etimologia da palavra de origem latim **asciata*, de *ascia*, *-ae*, enxada.

Instrumento com que se cava a terra. Cavador ou pessoa que usa a enxada.

[Figurado] Trabalho que é meio de subsistência de alguém. = GANHA PÃO, OFÍCIO, PROFISSÃO

[Brasil] Peixe teleósteo.

2. Paulada:

Substantivo feminino

Pancada ou golpe dado com pau, com um pedaço de madeira; cacetada. [Esporte] Chute dado com muita força e intensidade. [Figurado] Grande decepção, desapontamento, desilusão: a traição foi uma paulada.

Etimologia (origem da palavra **paulada**). Pau + l + ada.

3. Chicotada:

substantivo feminino

Pancada com chicote.

Sinônimos de Chicotada, Chicotada é sinônimo: chibatada, cipoada, lambada, lapada, vergastada, lategada.

4. Camaleão:

substantivo masculino

[Zoologia] Nome comum aos lagartos arborícolas e insetívoros, conhecidos por possuírem a capacidade de alterar suas peles de acordo com a cor do ambiente em que estejam, têm língua viscosa e comprida, e olhos que se movem de maneira independente.

[Figurado] Quem muda de comportamento e de atitude segundo as circunstâncias e seus interesses; hipócrita.

[Figurado] Pessoa que muda frequentemente de opinião, modo de vestir ou de se portar; pessoa inconstante, volúvel.

[Zoologia] Nome comum a vários lagartos, especialmente os pertencentes aos gêneros *Iguana* e *Polychrus*; cameleão. [Regionalismo: Rio Grande do Norte] Fandango (dança) rural. Etimologia (origem da palavra

5. Rapina:

substantivo feminino

Ato de roubar astuciosa e violentamente; rapinação. ato de pegar com violência (uma presa). O que é assim tomado: viver de rapina.

[Figurado] Roubo à mão armada; pilhagem, extorsão. expressão, ave de rapina. Ave carnívora, relativamente grande, com bico adunco e garras muito potentes; abutre.

Etimologia (origem da palavra rapina). Do latim rapinae.

6. Mocho:

substantivo masculino

Assento de madeira sem braço nem encosto. Ave de rapina noturna da família dos bubonídeos; coruja, pássaro-da-morte.

O vocábulo-termo “Paulada” será termo para análise semântico conceitual deste, mas é perceptível na fala do morador, o orgulho que este sente por enunciar à sua maneira. Por descrever a sua religiosidade, sua crença e por evidenciar a sua vontade em preservar isto na memória coletiva dessa comunidade. Nesse sentido, pode-se afirmar que são construídos laços entre passado, presente e futuro, no intuito de jamais esquecer o sofrimento que foi vivenciado por seus antepassados, mas ressignificar isto para mudar o futuro de seu povo. Segundo Evaristo (2009, p. 19):

Histórias orais, ditados, provérbios, assim como uma gama de personagens do folclore brasileiro, são heranças das várias culturas africanas aqui aportadas podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias africanas incorporados à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo [...].

Assim também podemos considerar que se trata de uma memória legitimada, mesmo que seja individual, como foi o caso do conto aqui citado, mas que se torna uma memória coletiva, ao ser repassada de geração para geração. Um processo contínuo de ressignificação e de construção.

Segundo Portelli (1996), a multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas são, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas.

Alguns termos citados neste conto trazem os traços do sofrimento vivenciados pelos escravizados. Palavras que denotam violência, trabalho escravo e outros, foram mencionados neste conto pelo morador, justamente para que jamais fossem por eles esquecidos.

“A mulher que chorava na madrugada” (CONTO 03)

Existe, no conto relatado por dona Maria Ferreira, uma simbologia tão representativa em relação a forma como estas mulheres encaram a maternidade. Pode-se analisar uma série de questões abordadas nessa narrativa, e são fatos que destacam a história, verdadeiros tesouros que eles guardam com tanto carinho.

Os contos orais se constroem com sons, gestos, falas, são entrelaçadas com fatos que se misturaram no decorrer dos últimos anos, mas, as singularidades impressionam, ao iniciar uma narrativa com termos como, “naquele momento”, “naquela época”, “o povo daqui”, e outros, eles sempre se colocam nas narrativas, como participantes ativos, ainda que sejam atemporais aos fatos ocorridos nos contos. Segundo Fernandes (2007, p. 49),

A “presença do outro” numa narrativa não desqualifica nem apaga do próprio sujeito que a engendra. As situações em que se empresta o corpo à narrativa (gesto, entonações, onomatopeias, expressões faciais, os embates discursivos criados com o ouvinte, as emendas de uma história noutra e, sobretudo, as variantes decorrentes de gesto de leitura (isto é, leituras sobre aquilo que o narrador ouviu/viu) fazem notar o potencial do indivíduo para transformar, criar, dar vazão a sentidos.

Conforme definição presente no Dicionário Online de Português (2023), podem ser compreendidas da seguinte maneira, as palavras:

1. Mãe d'água (*mãe + de + água*) ¹⁰

substantivo feminino

Nascente de água. = FONTE, MATRIZ

Reservatório de água encanada.

[Brasil] [Etnografia] Na mitologia indígena brasileira, espécie de sereia que vive nos lagos e nos rios. = AIUARA-AIUARA, IARA, UIARA

[Brasil, Informal] Pessoa que chora com facilidade.

No entanto a palavra “Umbragais” ¹¹, citada pela entrevistada do conto, não foi encontrada no dicionário; no entanto a mais semelhante foi:

2. Umbrais:

Umbrais é o plural de umbral. O mesmo que: entradas, portas, áditos, limiares, ombreiras.

Significado de umbral

Ombreira da porta que separa um cômodo de outro; ombreira.

Lugar através do qual se consegue entrar, ir para o interior de; porta, entrada, limiar. [Religião] Segundo algumas correntes do espiritismo, região espiritual definida muitas vezes como um lugar caracterizado pelo sofrimento e habi-

tado por quem desencarnou, mas ainda mantém pensamentos ou atitudes negativas ligadas à vida terrena.

Nesse sentido, depreende-se que o termo foi utilizado metaforicamente em situação análoga ao significado do dicionário on-line (2023), do viés religioso, que aborda um local caracterizado pelo sofrimento e por quem desencarnou.

3. Capinanta¹² é uma palavra utilizada no conto 03. No entanto não foi encontrada no dicionário português este significado. O termo mais semelhante a este foi: Capi-ninga¹³- que, segundo o Dicionário Online Português (2023), significa:

substantivo feminino

significado: Pequeno quelônio semelhante ao jabuti. Variação de capinima.

Nesta abordagem, é possível compreender a analogia, como se estivesse se referindo a algum animal. Cabe destacar que foi solicitado a entrevistada que repetisse o termo, para que ele fosse transcrito aqui com fidelidade à oralidade. Acerca disso, Santos (2013, p. 75) explica que,

Vários são os fatores que levam um indivíduo ou um grupo a criar novas denominações ou a atribuir novos significados a unidades lexicais já existentes na língua geral ou comum, como as mudanças relativas às percepções de mundo, às crenças, aos valores de um grupo, aos avanços e especificações ocorridos nos setores científico e tecnológico, às diferentes questões temáticas, pragmáticas, envoltas nos processos de interação comunicativa. Algumas dessas criações denominativas e/ou inovações conceptuais podem, em diferentes graus de densidade terminológica, chegar a constituir as chamadas linguagens de especialidade, de uso peculiar, específico.

Nesse sentido, a Etnoterminologia analisa fatores que contribuíram para que tal termo fosse assim contemplado na fala destes moradores e tivesse a percepção por eles adotada.

“A riga da febre que matava os pretos” (CONTO 04)

A narrativa do seu Patrício chamou a atenção da pesquisadora, tendo em vista que foi relatado uma questão de saúde, a qual ainda assola muitos centros urbanos e que já foi responsável pela morte de milhares de pessoas no Brasil.

Descrito pelo morador como “riga da febre”, se trata de algo que assolava vidas no território de Santa Maria dos Pretos, principalmente entre os meses de janeiro e março.

Deduzimos que se trata do período compreendido, no Nordeste, como período chuvoso ou inverno. No entanto, a febre descrita por ele, se tratava da dengue.

A situação de isolamento dos quilombos, localidades remotas e de difícil acesso, infelizmente resultou na presença de doenças e adversidades que afetaram sua população. Essa realidade é um legado deixado pelos escravistas, que obrigaram os escravizados a buscar refúgio em áreas distantes e isoladas. Como resultado, os quilombolas enfrentaram diversas vulnerabilidades em termos de segurança, saúde, alimentação e outros aspectos. Segundo o Dicionário Online (2023), o significado de Riga¹⁴:

substantivo masculino

Linho ordinário procedente da cidade de Riga (Letônia). Madeira usada em

tanoaria, também procedente dessa localidade.

Etimologia (origem da palavra **riga**). Do topônimo Riga.

Não conseguimos entender as múltiplas versões que foram expostas em face dos termos aqui utilizados, dos quais muitos desconhecemos, mas foram através das memórias coletivas e individuais compartilhadas por alguns moradores que o quilombo de Santa Maria dos Pretos teve sua representação nos contos aqui relatados.

Segundo Foucault (2012):

Formações discursivas; que se tenha posto de lado, não de forma definitiva, mas por algum tempo e por uma questão de método, as unidades tradicionais do livro e da obra; que se deixe de tomar como princípio de unidade as leis de construção do discurso (com a organização formal que daí resulta), ou a situação do sujeito falante (com o contexto e o núcleo psicológico que a caracterizam); que não mais se relacione o discurso ao solo inicial de uma experiência nem à instância a priori de um conhecimento; mas que nele mesmo o interroguemos sobre as regras de sua formação. Finalmente, o que se chama “prática discursiva” pode ser agora precisado. Não podemos confundir-la com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma idéia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência; nem com a “competência” de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT.2012, p. 36-53)

Contextualizando os contos e termos de análise com a citação de Foucault (2012), pode-se inferir que são relações de vivência no cotidiano destes moradores que não devemos nos ater a análise de unidade fixa e rígida, é necessário se desvincular de algumas amarras e trazer a essência das palavras utilizadas nestas comunidades.

“Dos passos que assombra na madrugada” - (CONTO 05)

Compreender a relação que existe no contexto destes contos é um processo que exige uma análise acerca de uma diversidade de fatores embutidos em seu enredo, tais como, a historicidade, as relações metafóricas e como estas narrativas contribuem para a formação e complementação de saberes que norteiam a realidade destas comunidades tradicionais.

Ao relatar o conto para a entrevistadora é possível compreender e observar na entrevista a emoção presente nestes relatos, expressões que dialogam com o respeito destes por sua história, por seus ancestrais e de como para estes foram importantes para sua formação identitária.

Existe uma simetria de valores nos vocábulos presentes nos textos, pois, agregam uma relação com as informações e conhecimentos produzidos de forma popular e os tradicionais que visavam sobretudo o bem viver destes moradores.

Neste conto é possível fazer uma analogia novamente as correntes que eram presos nos escravizados e no qual eles arrastavam, no trecho onde dona Maria cita: eu mesma não dormia direito sempre ouvindo as caminhadas, os passos, como se tivesse uma pessoa perambulando¹⁵ e arrastando alguma coisa e era isso que assustava muita gente.

Um relato de memória que ainda ecoa o terror vivenciado por seus antepassados, mas sempre lembrados por novas gerações.

Assim também como no trecho onde ela (Maria) cita: Depois que a gente ouvia esses passos, todo mundo ficava quieto e minha mãe sempre dizia que as crianças que eram atentadas, que essa pessoa veio buscar essas crianças. Os mais velhos falavam também que a pessoa que arrastava os pés e fazia barulho era uma pessoa que estava presa neste mundo por causa de seus pecados. E assim que a gente aprendeu a não querer fazer o mal para os outros. Tinha as brigas, mas no final todo mundo sempre se entendeu.

Depreende-se que as atitudes, ações sempre deveriam ser equilibradas para que não houvesse um castigo para tal. Novamente uma situação análoga ao que vivenciavam os escravizados. No trecho que ela cita: Maria: Por isso na minha casa todos nós obedecia aos nossos pais, não queria me separar deles.

É um relato do que viveu seus ancestrais, submissos, presos, acorrentados, e sem poder estarem juntos de seus entes, qualquer ação podia gerar uma punição. Este pensamento e esta realidade ainda está embutido em frases, relatos, memórias, termos, que são pronunciados no cotidiano, mas que possibilita a abertura de debates reflexões para que a sociedade possa enxerga-se criticamente.

E a partir destes relatos e destas reflexões possam mudar a sua realidade atual e de novas gerações, ressignificando o seu papel como agente transformador de seu meio social com a divulgação e preservação cultural destas narrativas. E a metáfora presente nestes termos é uma maneira de mencionar uma linguagem que não se consegue descrever através somente de vocábulos, está intrinsecamente presente em uma linguagem cotidiana.

1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15 São vocábulos que contribuem para uma análise da relação do conto de forma a abranger a pragmática e a semântica que envolve a narrativa por completo

Quadro 2. Ficha Etnotermológica 01

Vocábulo-termo: Tamburête		
Significado no Dicionário: Tamborete tamborete, (borê) m. Cadeira de braços, sem costas. * Prov. Cadeira com assento de pau. Pl. Náut. Peças de madeira, que fortificam as enoras. (Do fr. tabouret). Tamborete /ê/. Tam-bo-re-te (nm).		
Contextualizações:	Cadeira de braços, sem costas, confeccionada de Madeira, Madeira de porte pequeno que pode ser utilizada para diversos fins, tais como, assento, suporte ou arma, Indivíduo de estatura muito baixa, também denominado de tamborete de forró.	
Natureza dos Semas Conceptuais Formadores	Conceptus	Cadeira de braços, sem costas, confeccionada de Madeira.
	Metaconceptus	Madeira de porte pequeno que pode ser utilizada para diversos fins, tais como, assento, suporte ou arma.
	Metametaconceptus	Indivíduo de estatura muito baixa, também chamado de tamborete de forró.
Definição do vocábulo-termo:	banco de assento quadrado ou redondo, sem encosto e destinado a uma só pessoa; mocho, cadeira de braços sem espaldar ou com espaldar baixo, bloco de madeira de face lisa que se coloca sobre a forma e se golpeia para nivelar o topo, cada uma das peças reforçadas, uma pela vante e outra pela ré do mastro, que delimitam a enora.	
Observações	Possui uma variação linguística bem extensa, por se tratar de um objeto de madeira que pode ser utilizado como assento, mas que também pode ser destacado metaforicamente como outros objetos.	

Fonte: Dicionário Online de Português (2023)

Quadro 3. Ficha Etnoterminológica 02

Vocábulo-termo: Enxada		
Significado no Dicionário: Enxada Substantivo feminino, Etimologia da palavra de origem latim *asciata, de ascia, -ae, enxada. instrumento com que se cava a terra. Cavador ou pessoa que usa a enxada. Etimologia <i>lat vulg</i> *asciatam. Dicio; instrumento que consiste em uma lâmina de metal, com um orifício na parte oposta ao gume em que se encaixa um cabo em sentido perpendicular, usado para capinar, revolver ou cavar a terra, misturar argamassas, concretos etc.		
Contextualizações:	Instrumento de metal com cabo de metal, ou madeira utilizado para realizar diversas atividades, tais como, capinar, misturar, airar, misturar terra, argamassas, concretos. Trabalho utilizado para sustentar famílias, por isso existem as associações com o objeto e não com a ação deste objeto.	
Natureza dos Semas Conceptuais Formadores	Conceptus	Utensílio de ferro, aço, madeira e que cava a terra, amassa cal, argamassa e outros.
	Metaconceptus	Trabalho do qual se obtêm recursos para subsistência; ganha-pão, ofício, profissão.
	Metametaconceptus	Definição de sujeitos da zona rural. Define operários. Trabalho do qual se obtêm recursos para subsistência; ganha-pão, ofício, profissão.
Definição do vocábulo-termo:	Sua definição é utilizada no setor da construção e da agricultura, representando uma ferramenta que serve para capinar, cavar e movimentar areia e argamassas.	
Observações	Possui uma variação linguística bem extensa, por se tratar de um objeto utilizado de forma figurada para definir o sustento e dependendo da região.	

Fonte: Dicionário Online de Português (2023)

Quadro 4. Ficha Etnoterminológica 03

Vocábulo-termo: Chicotada	
Significado no Dicionário: Classe gramatical: substantivo feminino, Separação silábica: chi-co-ta-da, Plural: chicotadas (chicote + -ar) verbo transitivo: Bater com chicote; dar chicotadas em. = AÇOITAR, CHICOTEAR, FLAGELAR, FUSTIGAR, zurzir.	
Contextualizações:	Chicotada tem como sinônimo: chibatada, cipoada, lambada, lapada, vergastada, lategada. Chicote, substantivo masculino, Açoite; vergasta; látigo; chibata; azorrague; preaca; rebenque. Corda entrelaçada ou correia de couro, ligada à um cabo de madeira, geralmente usado para castigar animais.

Natureza dos Semas Conceptuais Formadores	Conceptus	Objeto de couro, nilon, madeira que esteja entrelaçado que deve estar presa ou formar uma suporte.
	Metaconceptus	É a projeção do objeto chicote, seu efeito é condizente com o estímulo de quem o lançou.
	Metametaconceptus	Objeto utilizado para ferir animais, pessoas ou atacar outros objetos, mas que precisa de um sujeito para tal ação.
Definição do vocábulo-termo:	1. Palavra flexionada no plural de chicote que significa instrumento resistente e flexível feito de longas tiras de couro ou de cordões entrançados e presos a um cabo; 2. [Metáfora] - Movimento brusco, de lacete, que faz a locomotiva, ou uma composição, em movimento; 3. [Analogia] - Nos parques de diversão, conjunto mecânico constituído por um haste da qual pendem correntes que giram a alta velocidade; 4. [Analogia - Antiga] - Trança de cabelo amarrada na ponta; 5. [Brasileirismo] - Reunião de fios longos de estopa, atados numa extremidade, usado na lavagem de automóveis; 6. [Angiosperma] - Feijão-chicote; 7. [Marinha - Náutica] - Extremidade de qualquer cabo, corrente ou amarra (DICIONÁRIO INFORMAL, 2023).	
Observações	O chicote era um instrumento muito utilizado pelos capitães-do-mato para chicotear os escravos quando estes se encontravam fora das ordens comandadas pelos capitães ser destacado metaforicamente como outros objetos (DICIONÁRIO INFORMAL, 2023).	

Fonte: Dicionário Online de Português (2023)

Quadro 5. Ficha Etnoterminológica 04

Vocábulo-termo: Camaleão	
Significado no Dicionário: Camaleão substantivo masculino [Zoologia] Nome comum aos lagartos arborícolas e insetívoros, conhecidos por possuírem a capacidade de alterar suas peles de acordo com a cor do ambiente em que estejam, têm língua viscosa e comprida, e olhos que se movem de maneira independente.[Figurado] Quem muda de comportamento e de atitude segundo as circunstâncias e seus interesses; hipócrita.[Figurado] Pessoa que muda frequentemente de opinião, modo de vestir ou de se portar; pessoa inconstante, volúvel.[Zoologia] Nome comum a vários lagartos, especialmente os pertencentes aos gêneros <i>Iguana</i> e <i>Polychrus</i> ; cameleão. [Regionalismo: Rio Grande do Norte] Fandango (dança) rural. Etimologia (origem da palavra camaleão). Do grego khamailéon. substantivo masculino[Regionalismo: Nordeste] Parte de terra mais elevada que aparece entre as falhas deixadas pelas rodas de automóveis ou pelo rastro de animais em terra molhada.[Regionalismo: Bahia] Monte de terra que sai de um terreno plano.[Regionalismo: Bahia] Terreno com elevações e lombadas. Etimologia (origem da palavra camaleão). Forma derivada de camalhão.	
Contextualizações:	No sentido figurado pode ser alguém com a destreza do animal, podendo ser pessoa que muda de comportamento ou pessoas que conseguem se adequar com facilidades em locais e ambientes.

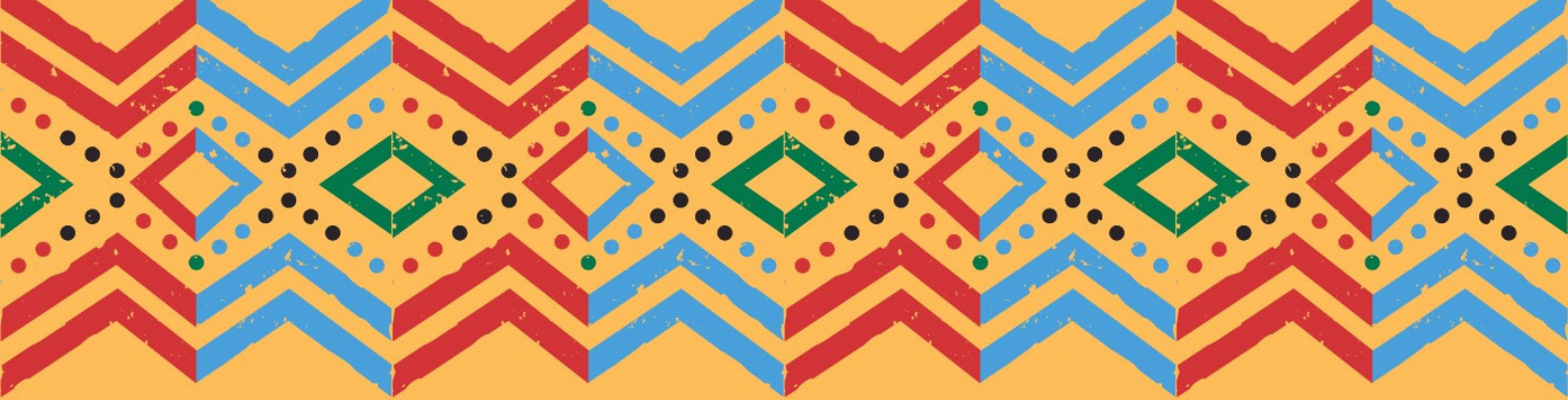
Natureza dos SemasConceptuais Formadores	Conceptus	Nome comum aos lagartos arborícolas e insetívoros, conhecidos por possuírem a capacidade de alterar suas peles de acordo com a cor do ambiente em que estejam, têm língua viscosa e comprida, e olhos que se movem de maneira independente.
	Metaconceptus	Por ser um réptil este animal pode ser utilizado de forma figurada e análoga a comportamentos e pessoas.
	Metametaconceptus	Pessoa que muda de comportamento de acordo com seus interesses e percepções, sempre com a intenção de usufruir bons frutos disso.
Definição do vocábulo-termo:	No sentido figurado pode ser alguém com a destreza do animal, podendo ser pessoa que muda de comportamento ou pessoas que conseguem se adequar com facilidades em locais e ambientes	
Observações	No sentido utilizado no conto, fazia necessário essa adaptação com as mudanças ocorridas no ambiente, uma ação para a sobrevivência em ambientes hostis.	

Fonte: Dicionário Online de Português (2023)

Quadro 6. Ficha Etnoterminológica 05

Vocábulo-termo: Rapina		
Significado no Dicionário: Rapina substantivo feminino. Ato de roubar astuciosa e violentamente; rapinação. Ato de pegar com violência (uma presa).O que é assim tomado: viver de rapina.[Figurado] Roubo à mão armada; pilhagem, extorsão. Expressão Ave de Rapina. Ave carnívora, relativamente grande, com bico adunco e garras muito potentes; abutre. Etimologia (origem da palavra rapina). Do latim rapina.ae.		
Contextualizações:	Rapina é utilizado para definir atos de extorsão, latrocínio, furto, pilhagem e outros. Uma pessoa rapina. É o mesmo que falar que uma pessoa ladra	
Natureza dos Semas Conceptuais Formadores	Conceptus	Ato de roubar astuciosa e violentamente; rapinação.Ato de pegar com violência (uma presa).O que é assim tomado: viverde rapina.
	Metaconceptus	Exercer rapinagem. = ARREBATAR, EXTORQUIR, FURTAR, ROUBAR
	Metametaconceptus	Pessoa que vive de extorsão e roubo
Definição do vocábulo- termo:	• A que muda de região em certas épocas do ano. • Ave de mau agouro • Ave que, por superstição, se crê ser presságio de desgraça ou fatalidade. • Pessoa a cuja presença se associa, por superstição, o prenúncio de desgraça ou fatalidade.	
Observações	Não ficou claro se este termo foi uma analogia a ave de rapina, que significa para um outro contexto animal de referência mítica bem forte para os moradores ou se foi utilizado no sentido de roubo e darapidez com que o ocorre o mesmo.	

Fonte: Dicionário Online de Português (2023)



CONSIDERAÇÕES FINAIS



Esta pesquisa proporcionou a análise de 05 contos da comunidade quilombola Santa Maria dos Pretos, a priori com o objetivo de realizar através da unidade padrão do discurso, no sentido Etnoterminológico, o vocábulo-termo, presente nestas narrativas, contextualizando esses vocábulos com a historicidade e cultura local, ao mesmo tempo que também conseguiu demonstrar como estes moradores sobrevivem diariamente neste povoado diante das adversidades que estão presentes no cotidiano da comunidade.

Foi possível conhecer um pouco mais sobre a vivência destes, as entrevistas para a coleta dos contos foram transcritas gramaticalmente na íntegra, com o intuito de preservar as singularidades linguísticas da oralidade destes moradores, no entanto, as pausas na fala deles, foram atribuídas pontuações, os intervalos foram intercalados com a marca da oralidade representadas com a gramática normativa.

A Etnolinguística e a Etnoterminologia possibilitaram trazer algumas especificidades de vocábulos com suas marcas semântico-conceptuais. São valores que estão aquém da linguística em sua denominação científica, oportuniza para um debate e discussões acerca das políticas afirmativas voltadas para as comunidades quilombolas desta região do Maranhão.

É necessário considerar que a diversidade dos grupos linguísticos permite que existam denominações e especificidades conceptuais em relação ao léxico destas línguas, mas que a definição destes grupos é capaz de atribuir valores singulares que permitem a visualização de novos conceitos, ideologias e permite o entrecruzamento de novas relações sociais.

Em detrimento destes conceitos, foi-se em busca de analisar a relevância destes contos para este povo, a reflexão foi possível ao ouvir e conhecer estes, são considerados depósitos de múltiplas versões sobre a história vivenciada no período escravista.

No relato dos contos e visitas na comunidade foi possível conhecer sobre a moradia, alimentação, empregos, educação, religiosidade, cultura e convívio social dos moradores. A palavra “resistência” esteve entre as perguntas realizadas aos moradores de Santa Maria dos Pretos e por meio das respostas é perceptível como todos, mesmo sem saber o significado de tal palavra de acordo com o dicionário da língua portuguesa, mas, conseguiram expressar as suas particularidades.

Singularidades estes presentes nas falas, nos cantos, na religiosidade, no tambor de crioula, na dança de coco, na capoeira, na culinária, nas vestimentas, no reggae, no bumba-meu-boi, na rede de apoio que estes mantêm entre si. E mesmo desconhecendo o termo dicionarizado, sabem como é ter que resistir as mais diversas adversidades, e foi exatamente a resistência que perpetuou por diversas gerações.

Eles sabem que a definição de suas identidades não está atrelada a sua etnia, não está somente ligada ao tamanho da comunidade ou aos números de seus moradores, a relação que existe entre remanescentes de quilombos e sociedade consegue se entrelaçar por causa das experiências de vida, são um verdadeiro depósito de versões de histórias, de fatos e acontecimentos que através da memória coletiva conseguiram manter ativos e conscientes.

Ao narrar um conto sobre como seus antepassados conseguiram sobreviver às fugas, às brigas por terras, à escassez do local e a outras memórias que são ativadas com a narração, eles também conseguem compreender a dimensão de sua historicidade. Eles percebem o quão importante foi resistir e fugir por anos em busca de um local seguro, e como foi necessário aprender a sobreviver na natureza. Reconhecem que sua existência

na atualidade é o resultado de tudo o que foi vivido por seus antecessores.

Sendo assim, foi através de todos esses fatos, que eles conseguiram elaborar sua própria noção do que seja resistência. As narrativas orais, aqui analisadas, ora se configuram como ficção, ora como realidade, essa mistura se entrecruza em uma organização que consegue orientá-los quanto a sua vivência em coletivo.

Essas narrativas também chamam a atenção para as mazelas sociais que estiveram presentes na época da escravidão, e que ainda fazem parte do cotidiano destes, tais como doenças, a dengue, que devido ao fato da comunidade quilombola ser localizada distante da zona urbana do município, persistiu por muito tempo e dizimou vidas. Outras questões ainda é uma realidade que faz parte da vida dos quilombos, saneamento, medicação, direitos sobre a terra e outros, que precisam de uma atenção da sociedade e do poder público.

O incentivo de instituições públicas e privadas por estudos e pesquisas a respeito das chamadas comunidades remanescentes de quilombos nortearam e foram as responsáveis por, nas últimas décadas, serem inseridas políticas de ações afirmativas em prol dos afrodescendentes. São programas sociais que estão presentes nas esferas federal, estadual e municipal, direcionando recursos financeiros que possam custear a preservação da cultura, ajudando na manutenção de custeios de alimentação, vestimentas e incentivo a educação.

Essas discussões e debates sobre a realidade vivenciada por esses grupos minoritários faz parte de um processo de aquisição e reconhecimento de direitos deste povo.

O Maranhão possui um número relevante de comunidades quilombolas que fazem parte da história de toda a população.

É necessário conhecer a história, investigar, ter contato, assim como neste estudo almejou a aproximação com estes moradores, conhecer suas origens e entender seus costumes, preservar a memória coletiva e individual que estão presentes, não somente nos vocábulos-termos que chamaram a atenção da pesquisadora, mas a relevância disto para o contexto social, para entender o presente e ressignificar o futuro.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. **Ensino de história**: conceitos, temáticas e metodologias. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. **Ensino de História**: conceitos, temáticas e metodologias. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.
- ABREU, Martha. **Cultura popular**: um conceito e várias histórias. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- ALCÂNTARA, Débora Menezes. A categoria política quilombola na encruzilhada: um olhar possível do encontro das vertentes epistêmicas decolonial e das autoras amefricanas Beatriz do Nascimento e Lélia Gonzalez Débora Menezes Alcântara. In: CONGRESSO INTERNACIONAL FOMERCO, 16., 2017. **Anais eletrônicos** [...] Salvador: EDUFBA, 2017. Disponível em: http://www.congresso2017.fomerco.com.br/resources/anais/8/1505962597_ARQUIVO_DEBORAMALCANTARAFOMERCO2017.pdf. Acesso em: 20 maio 2023.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terras de quilombo, terras indígenas, “babaquais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pastos**: terras tradicionalmente ocupadas. Manaus: PPGSCA; UFAM, 2006.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.
- BACKES, José Licínio. A construção de pedagogias decoloniais nos currículos das escolas indígenas. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, n. 45, p. 41-58, jan./abr. 2018.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Estrutura e tipologia dos campos conceptuais, campos semânticos e campos lexicais in Acta Semiotica et Lingvistica. **Revista da Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística**, São Paulo, v. 8, p. 95-120, 2000.
- BARROS, José Márcio (org.). **Diversidade cultural**: da proteção a promoção. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BARROS, Valdira; LOPES FILHO, Kleber Umbelino. Matar a sede e saciar a fome: desafios de comunidades quilombolas do Território Santa Maria dos Pretos. In: CONVENCION INTERNACIONAL DE SALUD, 1., 2018. **Anais** [...] Cuba: Cuba Salud, 2018.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFFENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: Editora Fundação da Unesp, 1998.
- BARTHES, Roland et al. **Análise Estrutural da Narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BARTHES, Roland. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 19.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que fala e o que pensa. São Paulo: Edusp, 1996.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê

Editorial, 2003.

BRASIL. Lei 9.394, de 20.12.96. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, v. 84, n. 248, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** (1º e 2º ciclos do ensino fundamental). Brasília, DF: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Diretoria Técnica de Gestão. **Dengue: diagnóstico e manejo clínico: adulto e criança**. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. 80 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC, 1997.

CAMACHO, José Carlos Martín. Las canciones populares como material de estudio para la etnolingüística. El ejemplo del folklore extremeño. **Revista de Estudios Extremeños**, p. 993- 1015, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.paseovirtual.net/revistas/extremenos.htm>. Acesso: 20 jan. 2021.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011. 219 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora Global, 2012.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. de Laura Sandroni. São Paulo: Editora Global, 2007.

CORRÊA, L. C. O fantástico e o estranho em: o coração denunciador, de Edgar Allan Poe. **Revista Pandora**, v. 6, p. 65-78, 2011.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999. 256 p. DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe [recurso eletrônico] / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007. p. 46- 45.

DAMATTA, R. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por Ele Mesmo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de Experiência e Investigação Narrativa. In: LARROSA, Jorge et al. **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativas y educación**. Barcelona: Editorial Laertes. 1995.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **A voz e o sentido: poesia oral em sincronia**. São Paulo: Editora da UNESP, 2007. p. 49.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004. 2120 p.

FERREIRA, Francinete; FRAZÃO, Eline Alves; VIEIRA, Marinete Lima. **Tambor de crioula em sala de aula**. Itapecuru-Mirim: [s.n.], 2016. 39 p.

FIABANI, Adelmir. **Os novos quilombos: luta pela terra e afirmação étnica no Brasil** [1988- 2008]. 2008. 275 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2008.

FOUCAULT, Michel. As unidades do discurso IN: A Arqueologia do Saber. 8ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p.26.



- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GERTH, Hans; MILLS, C. Wright. **Carácter y Estructura Social**. Buenos Aires: Paidós, 1963.
- GOMES, Laurentino. **Escravidão**: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. 1 ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. (Volume I).
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- GONZALEZ, L. (1988). **A categoria político-cultural de amefricanidade**. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Ed. Dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- _. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.
- _. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- _. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HELLER, Agnes. **Uma teoria da história**. Tradução Dilson Bento de Faria Ferreira Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- IZQUIERDO, Iván. Iván Izquierdo: lembranças e omissões. *Revista Pesquisa Fapesp*, São Paulo, n. 99, maio 2004.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- LATORRE, Vanice Ribeiro Dias. **Uma abordagem etnoterminológica de Grande Sertão**: Veredas. 2011. 156 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- LEROY, J-P. Da comunidade local às dinâmicas microrregionais na busca do desenvolvimento sustentável. In: BECKER, B. K.; MIRANDA, M. (org.). **A geografia do desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- LUCCHESI, Fernanda. **Quilombo Santa Rosa dos Pretos**. Belo Horizonte: FAFICH, 2016.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. A oralidade e o ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de português**: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- MINAYO, M.C. de S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- MOLINA, Daniele de Sousa Leite. Empréstimos no Campo Lexical: a contribuição do português para o léxico da língua inglesa. *Revista Gatilho*, v. 11, p. 1-15, jun. 2010.
- MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: UESP, 1996.

MUNANGA, Kabengele. **Palestra sobre a “Diversidade, Identidade, Etnicidade e cidadania”**. São Paulo: Departamento de Antropologia, USP, 1996.

ORTIZ, E. Ler, interpretar e recitar... In: GIRARDELLO, Gilka (org.). **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC/SC, 2004.

PAIS, C. T. Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso. **Revista Brasileira de Linguística**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 43-65, 1984.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. Tradução de Eni P.Orlandi. In: GADDET, Françoise; HAK, Tony (orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp, 1993. Tradução de: Analyse automatique du discours, 1969.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani de Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Resvale, 2013.

QUIJANO, A. Colonialidad del poder y casificacion social. **Journal Of World-Systems Research**, v. 11, n. 2, p. 342-386, 2000.

RÉ, Henrique Antonio; SAES, Laurent Azevedo Marques. **História e Historiografia do Trabalho Escravo no Brasil: novas perspectivas**. São Paulo: Publicações BBM, 2020.

SANTOS NETO, Manoel. **O negro no Maranhão: a trajetória da escravidão, a luta por justiça e por liberdade e a construção da cidadania**. São Luís: Clara Comunicações e Editora Ltda, 2004.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 303.

SILVA, Ana Cristina Pinheiro da. **Quilombo Piqui e Santa Maria dos Pretos**. Belo Horizonte: FAFICH, 2016.

SILVA, J. G.; OLIVEIRA, M. A. **Políticas afirmativas e etnolinguística no Maranhão: impactos e desafios**. *Linguística em Foco*, v. 12, n. 1, p. 20-40, 2019.

SODRÉ, Muniz. **Best-Seller: a Literatura de Mercado**. São Paulo: Ática, 1978. p. 75.

SOUSA, S. M. G. **Línguas e culturas tradicionais no Maranhão: desafios e perspectivas das políticas afirmativas**. *Revista Brasileira de Estudos da Linguagem*, v. 8, n. 1, p. 140-158, 2015.

SPOTTI, Carmem V. N. **O Processo Interacional nas Aulas de Língua Materna: textos em contextos**. Boa Vista: CEFORR, 2012. (Apostila do Curso CEFORR).

TARROW, Sidney. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Petrópolis: Vozes, 2009.

TELES, Claudia. **Quilombo Filipa no “novo tempo” dos projetos de intervenção desenvolvimentista no Maranhão**. 2017. 160 f. Dissertação (Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia) - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2017.

THEODORO, M. À guisa de conclusão: o difícil debate da questão racial e das políticas públicas de combate à desigualdade e à discriminação racial no Brasil. In: THEODORO, M. (org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília, DF: Ipea, 2008. p. 167-176.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.



TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone Zélia Barbosa Pinto. 2. ed. São Paulo: Perspectiva Moisés, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975. 188 p.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: Ubu, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FICHA DO ENTREVISTADO

1. Nome:
2. Idade:
3. Local de nascimento:
4. Sexo: () M () F
5. Estado civil:
6. Religião:
7. Cor: negro () preto () branco () pardo () outra ()
8. Fale um pouco sobre a história da comunidade.
9. O que o senhor(a) sabe sobre a história da comunidade?
10. Tem algum conto que você lembre sobre a história da comunidade, ou outro fato interessante? Obs.: Neste momento deve-se explicar o que é um conto, o que de fato a pesquisadora quer saber sobre a narrativa



O livro “Uma Abordagem Etnoterminológica e Geolinguística nos Contos Afro-Brasileiros: Território Quilombola de Santa Maria dos Pretos em Itapecuru Mirim-MA” explora a riqueza geográfica, cultural, linguística dos contos populares desse território, que é formado por cinco povoados, Santa Maria dos Pretos, Piqui, Santa Joana, Morros e Mandioca, situada em Itapecuru Mirim, no estado do Maranhão. A pesquisa ocorreu através de narrativas orais como forma de expressão bem presente no cotidiano dos moradores, uma prática de manifestação literária necessária no processo de autoafirmação identitária, regional, cultural e social, colocando em ênfase a memória individual e coletiva de um povo.

